



E afastou-se em quanto eu folheava o atlas para mostrar-lhe a estampa que ella pedira. Esteve a olhar muito tempo; a final murmurou:

— Quando eu morrer, Augusto, ha de examinar o meu. . . Para ver si é diferente!

— Que idéa! . . . Deixe isso. Mila! retorqui fechando os livros e instrumentos nos almarios. Sinto não ter em minha casa objectos mais alegres para distrahir-a. A minha profissão é triste; já lhe disse, bem triste! Vive das miserias do proximo. Suas alegrias são travadas sempre de dôres!. Afinal nos habituamos. Mas emquanto não chega essa indifferença, que duvidas! E quando chega, que aridez! Porisso, Emilia, eu sinto a necessidade de um santo amor, que me proteja contra a descrença, e me preserve a alma desse terrivel contágio do materialismo.

Emilia me ouvira commovida. Ergueu-me a fronte, para que eu recebesse o meigo sorriso, cheio de ternura, que ella me queria embeber n'alma.

— O que lhe disse eu n'aquella noite? . . . Espere! Talvez não espere muito tempo!

Envolvendo-se na sua capa, fugiu por entre as arvores.

Depois dessas mutuas expansões e das nossas entreyistas solitarias; depois sobretudo da promessa que ella me fizera partindo; parecia natural que eu fosse crescendo na affeição de Emilia; porém esta moça era cada vez mais incomprehensivel. Os dias que segui-

rão tratou-me com bastante frieza: e uma tarde com desdem até.

Achei-a lendo uma folha de pequeno papel bordado que me pareceu carta: pensei que fosse da prima. Ella nem ergueu os olhos para cumprimentar-me; e respondeu com uma simples inclinação da fronte. Sentei-me; dirigi-lhe por vezes a palavra sem obter mais resposta que um sim ou não; afinal conhecendo que ella estava preocupada, esperei calado pelo seu bel prazer.

Emilia leu e releu; talvez já esquecida da minha presença; dobrando o papel, que metteu no bolso, começou a passear pela sala, visivelmente distrahida. Por momentos soltava debéis modulações de alguma aria; depois fugia-lhe pelos labios um sorriso misterioso, desses que se sorriem sem comprehendel-os. Verdadeiras esphinges d'alma.

Não me pude mais conter:

— Adeus, D. Emilia. Vejo que a minha presença começa a incommodal-a: é tempo de tornal-a mais rara e menos importuna.

— Ah! Já cansou de esperar? respondeu com um ligeiro riso de mofa.

— Já perdi a esperança, confesso-lhe. Já; porque entim comprehendo o que se passa no seu espirito.

— Queria que me dissesse isso! Ficaria sabendo.

— Dir-lhe-hei; porque não? A senhora é de uma bondade extrema e cuida que eu tenho direito á sua gratidão. Conheceu que eu a amava, que esse amor

ENCADERNAÇÃO
E DOURAÇÃO
VALLELE
RUA JULIO CEZAR
52 E 55-TEL.4039
RIO DE JANEIRO

DIVA

PERFIL DE MULHER

PUBLICADO POR

G. M.



RIO DE JANEIRO

B. L. Garnier — Livreiro Editor,

69, RUA DO OUVIDOR 69.

—
1864.

Envio-lhe outro perfil de mulher, tirado ao vivo, como o primeiro. Deste, a senhora pôde sem escrúpulo permittir a leitura á sua neta.

E' natural que deseje conhecer a origem deste livro; previno pois a sua pergunta.

Foi em Março de 1856. Havia dois mezes que eu tinha perdido a minha Lucia; ella enchera tanto a vida para mim, que partindo-se deixou-me isolado no meio deste mundo indifferente. Senti a necessidade de dar ao calor da familia uma nova tempera a minha alma usada pela dôr.

Parti para o Recife. A bordo encontrei o Dr. Amaral, que vira algumas vezes nas melhores salas da côrte. Formado em medicina, havia um anno apenas, com uma vocação decidida e um talento superior para essa nobre sciencia, elle ia á Paris fazer na capital da Europa, que é tambem o primeiro hospital do mundo, o estadio quasi obrigatorio dos jovens medicos brasileiros.

Amaral, moço de vinte e tres annos, era uma natureza creoula de sangue europêu, placida e serena, mas não fria, porque sentia-se em torno della o doce

e almo calor das paixões em repouso. Minha alma magoada devia pois achar, nesse contacto brando e suave, a delicia do corpo alquebrado, recostando-se n'um leito macio e fresco. 183

Quanto a mim, Lucia desenvolvêra com tanto vigor em meu coração as potencias do amor, que cercava-me uma como athmosphera amante, uma evaporação do sentimento que exuberava. Havia em meu coração tal riqueza de affecto que chegava para distribuir a tudo quanto eu via, e sobejava-me ainda.

Essa virtude amante, que eu tinha em toda a minha pessoa, exerceu sobre o meu companheiro de viagem influencia igual a que produzira em mim a sua grande serenidade. Elle fôra um repouso para a minha alma; eu fui um estimulo para a sua.

Sucedeu o que era natural. De de a primeira noite passada á bordo, fomos amigos. Essa amizade nascera na vespera, mas já era velha no dia seguinte. As confidencias a impregnárão logo de um aroma da nossa mutua infancia.

Separamo-nos em Pernambuco, apesar das instancias de Amaral para que eu o acompanhasse á Europa. Durante dois annos, nos carteamos com uma pontualidade e abundancia de coração dignas de namorados. Na sua volta estive comigo no Recife; escrevi-lhe ainda para o Rio; mas pouco tempo depois as minhas cartas ficárão sem resposta, e a nossa correspondencia foi interrompida.

Decorrêrão mezes. Um bello dia recebi pelo seguro uma carta de Amaral; envolvia um volumoso manuscrito, e dizia :

« Adevinho que estás muito queixoso de mim, e não tens razão. Ha tempos me escreveste, pedindo-me

noticias da minha vida intima : desde então comecei a resposta que só agora conclui : é a minha historia n'uma carta. Foste meu confidente, Paulo, sem o saberes; a só lembrança da tua amizade bastou muitas vezes para consolar-me, quando eu derramava neste papel, como si fôra o envolucro do teu coração, todo o pranto de minha alma.»

O manuscripto é o que lhe envio agora, um retrato ao natural, a que a senhora dará, como ao outro, a graciosa moldura.

P.

— 626 —

DIVA.

I.

Emilia tinha quatorze annos, quando a vi pela primeira vez.

Era uma menina muito feia, mas da fealdade nubil que promette á donzella esplendores de belleza.

Ha meninas que se fazem mulheres como as rosas : passam de botão á flôr : desabrochão. Outras sahem das faixas como os colibris da gemma : emquanto não emplumão são monstrosinhos ; depois tornão-se maravilhas ou primores.

Era Emilia um colibri implume ; por conseguinte um monstrosinho.

Seu crescimento fôra muito rapido ; tinha já altura de mulher em talhe de criança. D'ahi uma excessiva magreza : quanta seiva accumulava aquelle organismo era consumida no desenvolvimento precoce da estatura.

Ninguém caracterisava com mais propriedade esse defeito de Emilia do que a menina Julia, sua prima. Quando as duas se agastavão, o que era frequente, Julia a chamava de *esguicho de gente*.

Não parava ahi a fealdade da pobre Emilia. A ossea estructura do talhe tinha nas espaldas, no peito e nos cotovellos, agudas saliencias, que davão ao corpo uma aspereza hirta. Era uma boneca, desconjunctada á miude pelo gesto ao mesmo tempo brusco e tímido.

Como ella trazia a cabeça constantemente baixa, a parte inferior do rosto ficava na sombra. A barba fugia-lhe pelo pescoço fino e longo; faces, não as tinha; a testa era comprimida sob as pastas batidas do cabello, que repuchavão duas tranças compridas e espessas.

Restava apenas uma nesga de physionomia para os olhos, o nariz e a boca. Esta, rasgava a maxilla de uma orelha á outra. O nariz romano seria bonito em outro semblante mais regular. Os olhos negros e desmedidamente grandes afundivão na penumbra do sobrolho sempre carregado, como buracos, pelas orbitas.

A respeito do traje, que é segunda epiderma da mulher e petalas dessa flôr animada, o da menina correspondia ao seu physico.

Compunha-se elle de um vestido liso e escorrido, que fechava o corpo como uma bainha desde a garganta até os punhos e os tornozellos; de um lenço enrolado no pescoço, e de umas calças largas, que

arrastavam no chão, escondendo quasi toda a botina.

Emilia ainda assim não parecia satisfeita. Estava constantemente á encolher-se, fazendo tregeitos para mergulhar o resto do pescoço e o queixo no talho do vestido, e sumir as mãos no punho das mangas. Caminhando, dobrava as curvas afim de tornar comprida a saia curta; sentada mettia os pés por baixo da cadeira.

Tinha um cuidado extremo em puchar para a frente as longas tranças do cabello, que andavam sempre á dansar-lhe, como antolhos pelo rosto. Si lhe fallava alguma pessoa de intimidade da família, não lhe voltava as costas como fazia com os estranhos; mas sentia logo uma necessidade invencivel de coçar a cabeça, acompanhada por um repuchamento dos hombros. Erão modos de atravessar o braço diante do rosto e furtar o queixo, escondendo assim o que lhe restava de physionomia.

Muitas vezes o Sr. Duarte zombava com terna ironia desses biocos da filha :

— Deixa estar, Mila!... dizia elle abraçando-a. Vou mandar fazer para ti um sacco de lã com dois buracos no lugar dos olhos.

Tal era Emilia aos quatorze annos. Entretanto, quem soubera a anatomia viva da belleza, conhecêra que havia nessa menina feia e desengraçada o arcabouço de uma soberba mulher. O esqueleto ali estava: só carecia da incarnação.

Ainda me lembro da colera infantil de Emilia,

quando a primeira vez que estive com ella, eu a perseguia de longe chamando-a :

— Minha noiva !

— Feio ! . . . dizia-me então.

E pronunciava essa palavra, como si ella symbolisasse a maior injuria possivel.



II.

Começara o verão de 1855.

Uma manhã appareceu Geraldo em minha casa. Entrou, conforme o seu costume, estrepitosamente, e cantarolando não sei que aria do seu repertorio italiano.

— Vai ver minha irmã! disse-me elle passando por mim e sumindo-se pelo interior da casa.

Voltou logo com o charuto acceso :

— Tua irmã? perguntei sem comprehendel-o.

— Sim, Mila, que amanheceu com uma febre damnada.

— Ah ! E' como medico que me pedes para ir ver tua irmã ?

— Pois então !.. Vamos ; veste-te ; o carro está na porta á espera.

— Mas, Geraldo... Foi tua familia que mandou chamar-me ?

— Foi meu pai.

— A' mim, designadamente ?

— E esta !... Mandou-me chamar um medico ; tu és um... logo !

— Quem sabe ! Talvez não lhe inspire confiança.

— Ora Deus ! . . . Elle não en'ende disso !

Ao entrar no carro, Geraldo despediu-se :

— Não vens ?

— Para que ? Não faço falta lá. Até logo !

Geraldo pertencia á classe dos homens a quem lateja a moleira toda a vida, e velhos já, são ainda meninos de cabellos brancos. Não te admire portanto a leviandade desse moço.

Ceguei a chacara do Sr. Duarte a uma hora da tarde.

A familia estava na maior afflicção. A menina ardia em febre desde a vespera, queixando-se de fortes pontadas sobre o coração. Todos os symtopmas parecião indicar uma affecção pulmonar.

No aposento reinava uma frouxa claridade que mal deixava distinguir os objectos. Emilia prostrada no leito, sob as coberturas de lã, parecia inteiramente sopitada no lethargo da febre. Sua tia D. Leocadia, que fazia-lhe agora as vezes de mãe, estava sentada á cabeceira.

— Minha senhora, disse-lhe eu, é necessario ascul-tar-lhe o peito.

— Então, Sr. doutor, aproveite enquanto ella dorme. Si acordar, não ha nada que a faça consentir.

A senhora affastou a ponta da cobertura, deixando o seio da menina coberto com as roupagens de linho.

Mal encostei o ouvido ao seu corpo, teve ella um forte sobresalto, e eu não pude erguer a cabeça tão

depressa, que não sentisse no meu rosto a doce pressão do seu collo offegante.

O que passou depois foi rapido como o pensamento.

Ouvi um grito. Senti nos hombros choque tão brusco e violento, que me repelliu da borda do leito. Sobre este, sen'ada, de busto erguido, hirta e horri-velmente pallida, surgira Emilia. Os olhos esbrazia-dos scintilavão na sombra: conchegando ao seio com uma das mãos crispadas as longas coberturas, com a outra estendida sob as amplas dobras dessa especie de tunica, ella apontava para a porta.

— Atrevido!... clamou o labio erriçado de co-lera e indignação.

Fiquei attonito. D. Leocadia pediu-me que sahisse um momento. Ao retirar-me, o olhar da menina, repassado de um odio profundo, acompanhou-me até que desapareci na porta.

Com pouco o Sr. Duarte veio a sala.

— Peço-lhe mil desculpas, Sr. Doutor, pelo que acaba de acontecer. Mila teve uma educação muito severa... Minha fallecida mulher era nesse ponto de um rigor excessivo; muitas vezes fiz-lhe ver o incon-veniente disso... Mas, Sr. doutor, V. S. bem sabe quanto as mãis são zelosas de sua autoridade.

— Não se afflija, Sr. Duarte. Eu comprehendi logo a razão do que se passou. Sua filha não estava prevenida... acordou sobresaltada...

— E' verdade!

— Demais, eu sou para ella quasi um estranho.

Havia portanto, motivos de sobra para o seu re-
xame. O recato é tão bella virtude em uma menina!

— Mas em minha filha é em tal excesso, que já
parece vicio.

— Mudará com a idade. Agora convém que V. S.
a convença da necessidade de consentir. . .

— Tanto que lhe pedi já e roguei! Não quer ouvir
fallar de semelhante cousa.

— E' dos casos em que um pai deve interpôr a
sua autoridade.

— Oh! sinto que não teria animo! Nunca até hoje
ralhei com minha filha, Como o faria agora que a
vejo tão doente?

— Não será talvez necessario recorrer á esse ex-
tremo. Por meios brandos! . . .

Duarte voltou ao quarto da filha.

Esse homem, que representa na familia um papel
importante pela sua nullidade, é negociante; traba-
lhou toda a vida para enriquecer; depois de rico só
vive para ser millionario.

Essa febre nelle não é ambição, mas destino. Quer
a riqueza para seus filhos, parentes e amigos; para
elle conserva a antiga mediocridade. Nunca até hoje
o Sr. Duarte admittiu a menor alteração no seu sys-
tema de vida, e nos habitos do homem pobre e la-
borioso, que fôra.

A riqueza não o fez melhor nem peor; mudou de
fórtuna, não mudou de character, nem de sentimentos.
O luxo, que desde muito tempo batia a porta de sua

velha habitação, devia penetrar-a emfim, um bello dia, sem que elle tivesse consciencia disso. Quasi se póde affirmar que o não percebeu. Para elle essa grande revolução domestica não passava de uma questão de pagamento, e portanto da competencia do seu caixa.

Em resumo, tem Duarte uma dessas naturezas essencialmente mercantis, que nascem predestinadas para o negocio, e só respirão bem na atmosphera do armazem. De resto, uma boa alma, methodica e fria, como deve ser uma alma aclimatada ao balcão desde a infancia, e educada exclusivamente para o juro e a conta corrente.

Nessa alma, como nos canteiros regulares de um jardim, não brota a urze das paixões, mas vem bem e com simetria a flôr cultivada dos affectos calmos. Duarte ama sua familia e estima seus amigos com sinceridade, mas passivamente, sem iniciativa. Capaz de qualquer sacrificio que exijam delle, nunca teve a espontaneidade do mais insignificante favor. Não offerece, mas tambem não recusa o seu dinheiro, como a sua amizade.

O negociante voltou acabrunhado:

— Ella recusa! murmurou.

— Deste modo não sei o que faça. Entretanto a molestia é grave.

— Porque não receita já?

— Não posso indicar um tratamento sem conhecer a molestia.

— Pois, Sr. Doutor, eu também não posso usar de rigor com Mila, porque sei que isso seria matá-la mais depressa.

Duarte deixou-se cahir sobre uma cadeira, e succumbiu á dôr: as lagrimas saltarão-lhe dos olhos.

— O que me parece mais acertado, é chamar V. S. um medico de sua confiança, habituado á tratar na familia.

— Já não existe! exclamou com um soluço. Qual-quer outro que venha me responderá o mesmo que o Sr.! Meu Deus! Condemnado á ver morrer minha filha, sem poder salvá-la.

— Bem, Sr. Duarte. Eu tratarei de sua filha.

A molestia era realmente grave; nada menos do que uma pneumonia dupla. Tive de lutar contra a enfermidade rebelde e a tenacidade inflexivel de um character singular de menina, habituada a ver satisfeitas todas as suas vontades, como ordens imperiosas.

Emilia tomara-me tal rancor, que não me deixou mais penetrar no seu aposento. Si adormecia, e eu advertido por Julinha ou por D. Leocadia me chegava ao leito, mal lhe tocava o pulso, ella acordava com sobresaltos, volvendo os olhos inquietos pelo aposento.

Occultava-me então do lado da cabeceira, entre a parede e o cortinado, e dahi esgueirava-me pela porta. Uma occasião um olhar de Julinha trahiu-nos; ella surpreendeu-me e gritou cobrindo o rosto:

— Deitem fóra este homem!

D. Leocadia e o irmão se affligião muito com os

caprichos de Emilia; mas não tinham nem a força nem a vontade de contrariar-a, embora temessem á cada instante que a minha susceptibilidade se offendesse com aquelles modos rispídos.

Mas, o meu orgulho de medico principiante estava empenhado nessa cura. Era ella que devia me dar a consciencia da minha força ou talvez o desengano de uma carreira. Foi ella que decidiu do meu futuro.

Nunca, até então, eu assumira a tremenda responsabilidade da conservação de uma vida, que um erro meu, um instante de hesitação, podião sacrificar. E não era uma vida indifferente... Essa menina caprichosa, calma e impassivel á dôr, velando-se como as virgens martyres do christianismo para morrer pudicamente... Essa menina, inspirava-me não sei que estranho e vivo interesse.

Eu sentia, combatendo a sua enfermidade, o que devem sentir os grandes artistas, tratando um assumpto difficil; raiva e desespero, quando a consciencia da minha fraqueza contra as leis da natureza me acobrunhava; jubilos immensos, quando o meu espirito, tirando forças da sciencia e da vontade, arcava com a molestia e a subjugava por instantes.

Uma vez perdi a esperança.

D. Leocadia dormitava extenuada á cabeceira do leito. Emilia não dava mais accordo de si. Approximei-me; a mascara da morte cobria já aquelle rosto diaphano. Sentei-me á borda do leito, e não pude reter as lagrimas que me saltarão em bagas dos olhos.

Santa virgindade das emoções, primeiros orvalhos do coração, que a aridez do mundo tão depressa estanca! A quantos espectáculos pungentes não tenho eu assistido depois com os olhos enxutos e o espirito sereno!

D. Leocadia abriu os olhos:

— Não ha mais esperança, doutor?

Enxuguei as lagrimas envergonhado, e achei em mim uma energia nova. Lancei mão dos ultimos recursos. Um mez arqueei com a dissolução que invadia esse corpo fragil, disputando ás garras da morte os sobejos de vida, que lhes faltavão devorar. Tinha, a pedido do Sr. Duarte, ficado em sua casa; e a isso, á esse cuidado incessante de todas as horas e de todos os momentos, devo o resultado que obtive.

Venci á final. Mal sabia eu da influencia que devia ter no meu destino essa existencia, cujos frouxos clarões, prestes á se apagarem, eu reanimara com os lumes de minha alma.

Emilia entrou em convalescença. A gratidão do pai foi sincera; sua recompensa generosa. Aceitei a primeira e recusei a ultima.

— Porque? me perguntarias talvez.

Era como te disse o meu primeiro triumpho em medicina; trabalhei para elle como o sacerdote da minha nova religião. Por um desses movimentos mysteriosos do coração, quiz sagral-o unicamente á sciencia, extreme e puro de todo o interesse pecuniar. Tal foi o motivo de minha recusa, e não mal en-

tendido pudor de receber a justa remuneração de tão nobre serviço.

Escrevi ao Sr. Duarte pouco mais ou menos o seguinte :

« Foi Deus quem salvou D. Emilia; á elle devemos agradecer, o senhor a vida de sua filha, e eu a minha felicidade.

« Meu primeiro docente foi para mim, como um primeiro filho. As emoções que senti lutando com a molestia, as angustias porque passei nas suas recrudencias, o desespero de minha fraqueza nesses momentos, um pai deve comprehender.

« Essas emoções só podião ter uma recompensa. Já a recebendo meu coração. Foi a pura e santa alegria de restituir a vida querida, que me fôra confiada. Substituil-a por outra, não seria generoso de sua parte, Sr. Duarte.

O negociante ainda me procurou, e insistiu, mas inutilmente. A final lhe disse :

— Eu conheço Sr. Duarte, que faço uma violencia á sua generosidade. Mas, em compensação lhe prometto... Começo a minha vida; é possível que alguma vez me veja em embarços. Nesse caso recorreré ao Sr. I

— Promette-me ?

— Dou-lhe a minha palavra.

Pouco tempo depois sabes que fui a Europa, onde me demorei perto de dois annos. Fizemos juntos até Pernambuco a viagem, de que nasceu a nossa boa e sincera amizade. Si não me engano, em nossas conversas intimas á bordo fallei-te alguma vez dessa familia, mas sem as particularidades que refiro agora.

Então ainda a luz intensa da paixão, que veio depois, não tinha debuxado, como estereotypo nas laminas do coração, a imagem viva dessa menina.



III.

Voltando da Europa, a primeira visita que recebi foi a do Sr. Duarte.

Tinha-me despedido d'elle e de sua familia ; nessa occasião ainda, apesar dos esforços do pai, Emilia não me quiz apparecer. Tambem eu já não reparava na vergonhosa esquivança da menina.

Visitando o negociante, vi ao entrar na sala uma linda moça, que eu não reconheci.

Estava só. De pé no vão da janella cheia de luz, meio reclinada ao peitoril, tinha na mão um livro aberto e lia com attenção.

Não é possível idear nada mais puro e harmonioso do que o perfil dessa estatua de moça.

Era alta e esbelta. Tinha um desses talhes flexiveis e lançados, que são hastes de lyrio para o rosto gentil : porém na mesma delicadeza do porte esculpião-se os contornos mais graciosos com firme nitidez das linhas e uma deliciosa suavidade nos relevos.

Não era alva, tambem não era morena. Tinha a sua tez a côr das petalas da magnólia, quando vão desfal-

lecendo ao beijo do sol. Mimosa côr de mulher, si a avelluda a pubescencia juvenil, e a luz cõa pelo fino tecido, e um sangue puro a escumilha de roseo matiz. A della era assim.

Uma altivez de rainha cingia-lhe a fronte, como diadema scintillando na cabeça de um anjo. Havia em toda a sua pessoa um quer que fosse de sublime e excelso que a abstrahia da terra. Contemplando-a naquelle instante de enlevo, dir-se-ia que ella se preparava para a sua celeste ascensão.

As vezes porém, a impressão da leitura turbava a serena elação da sua figura, e despertava nella a mulher. Então desferia alma por todos os póros. Os grandes olhos, velutados de negro, rasgavão-se para dardejar as centelhas electricas do nervoso organismo. Nesses momentos toda ella era sómente coração, porque toda ella palpitava e sentia.

Eu tinha parado na porta, e admirava : afinal adiantei-me para cumprimental-a. Ouvindo o rumor dos meus passos, ella voltou-se.

— Minha senhora ! . . . murmurei inclinando-me.

As côres fugirão-lhe. Ella vestiu-se como de uma tunica livida e glacial : logo depois a sua physionomia annuviou-se, e eu vi lampejos fuzillarem naquella densidade de uma colera subita.

Fulminou-me com um olhar augusto, e desappareceu.

Acreditas, Paulo, que essa moça que te descrevi fosse Emilia, a menina feia e disgraciosa, que eu

deixara dois annos antes? Que sublime trabalho de florescencia animada não realisara a natureza nessa mulher!

Emilia teria então desesete annos. Sentia-se, olhando-a, a influencia mysteriosa, que um espirito superior tinha exercido na revolução operada em sua pessoa. O traço ainda nimiamente avaro dos encantos que occultava, era de um molde severo; mas havia no gracioso da fórma e na combinação do enfeite, uns toques artisticos, que se revelavão tambem no basto trançado do luxuoso cabello negro.

Voltei impressionado por essa visão de sala em pleno dia.

Si a transformação de Emilia produzira em mim uma admiração grande, maior foi a humilhação que soffri com o seu desdem. Já não era uma menina; estava moça, e não me devia só a cortezia á que tem direito o homem delicado, devia-me gratidão.

— Talvez ignore! disse eu comigo.

Nos dias que se seguirão, surgiu alguma vez no meu espirito aquella imagem de moça: mas essa lembrança me incommodava.

Uma tarde encontrei-me com o irmão:

— Ia á tua casa! disse-me Geraldo.

— Pois vamos.

— Não. Já que te encontrei poupa-me essa massada. Minha tia manda te dizer que amanhã, toma-se chá em sua casa. Julinha faz annos.

— Ah! D. Mathilde?...

— Sim. Adeus.

— Espera.

— Não posso. Ainda vou á chacara, e tenho de voltar para o theatro.

D. Mathilde é casada com um irmão de Duarte. Seu marido vive constantemente na fazenda, trabalhando para tirar della os avultados rendimentos necessarios ao luxo, que sua familia ostenta na côrte.

Ainda moça, bonita e muito elegante, ella é perdida pelo cortejo e galanteio de sala. Nunca a honra conjugal succumbiu á essa fascinação, mas a casta dignidade da esposa foi sacrificada sem reserva.

Sua casa nobre em Matacavallos é ponto de reunião diaria para uma parte da boa sociedade do Rio de Janeiro. Todas as noites as salas ricamente adereçadas se abrem ás visitas habituaes. Nos domingos ha jantar para um circulo mais escolhido. De mez em mez apparece um pretexto qualquer para um baile.

Não te fallo desta casa sómente por ter sido uma scena no drama de minha vida. Foi tambem, como soube depois, uma escola para Emilia.

Essa moça tinha desde tenros annos o espirito mais cultivado, do que faria suppôr o seu natural acanhamento. Lia muito, e já de longe penetrava o mundo com olhar perspicaz, embora através das illusões douradas. Sua imaginação fôra á tempo educada: ella desenhava bem, sabia musica e a executava com mestria; excedia-se em todos os mimosos labores de agulha, que são prendas da mulher.

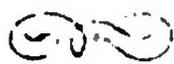
— Eu nasci artista ! . . me disse ella muitas vezes sorrindo.

E realmente, havia em sua alma a centelha divina que fórma essas grandes artistas de sala, que nós chamamos *senhoras elegantes*: artistas que por cinzelarem imagens vivas e talharem em seda e velludo, não são menos sublimes que o esculptor quando talha no marmore a belleza inanimada.

Mas, faltava ainda á intelligente menina o tacto fino e o suave colorido, que o pintor só adquire na téla e a mulher na sala, a qual tambem é téla para o painel da sua formosura. Foi nas reuniões de D. Mathilde, que Emilia deu os ultimos toques á sua especial elegancia.

Não copiou, nem imitou. Começando a apparecer em casa da tia, pouco tempo antes da minha volta, ella observava. Seu bom gosto se apurou; um bello dia surgiu outra; a elegancia teve nella um molde seu, proprio e original.

Quando aos dezoito annos ella pôz o remate á esse primor de esculptura viva e poliu a estatua de sua belleza, havia attingido ao sublime da arte. Podia então, e devia, ter o nobre orgulho do genio creador. Ella creara o ideal da Venus moderna, a diva dos salões, como Phidias tinha creado o typo da Venus primitiva.



IV.

Poucas entradas tinha eu em casa de D. Mathilde naquella época. O seu convite me surpreendeu; e ainda mais quando no dia seguinte recebi um cartão de visita da senhora com palavras affectuosas.

Tive mais tarde a explicação dessa e muitas outras finezas, que recebi de toda aquella familia. O pai e as tias de Emilia querião com as repetidas provas de sua bondade apagar qualquer resentimento, que podessem gerar no meu espirito os modos rispídos da menina, agora moça. Muitas vezes procuravão desculpal-a com o seu excessivo acanhamento.

O baile foi esplendido. D. Mathilde triumphava, no meio de suas rivaes e aos olhos de seus adoradores.

Lá estava Emilia.

Ainda a flôr agreste de sua gentileza não se havia aclimatado á athmosphera do baile. Ella perdia á noite e no meio do salão ornado pelas mais elegantes formosuras da côrte. Não tinha alli nem a suave limpidez do desalinho, em que eu a vira antes; nem o

fulgor radiante, que tanto admirei depois. Era o crepusculo matutino de uma rosa, que abotoara á noite e ainda não desatara ao sol.

Estive conversando com D. Leocadia algum tempo ; quando me ergui ella perguntou :

— Não dança, doutor ?

— Póde ser, minha senhora.

— Danse ! . . . Olhe ! Vá tirar Mila.

E a boa senhora mostrou a sobrinha sentada á alguma distancia.

Approximei-me. Já o baile tinha perdido a simetria da entrada, no seio da confusão que é o seu maior encanto : a musica, as vozes, os risos, os rugeruges das sedas, os borborinhos da festa, enchão o salão.

No meio dessa multidão jovial, Emilia tinha uma attitude de corsa arisca, erriçando os vélos macios e estremeccendo aos rumores vagos da floresta. A menor palavra, um vestido que roçava, uma sombra á projectar-se, a assustavão. Comtudo, as vezes á força de vontade, ella arrancava dessa mesma timidez audacias ingenuas, que não teria uma senhora : erigia a fronte com altivos desdens, e fitava em face qualquer homem que a olhava.

Cumprimentei-a. Inclinou a fronte, não para responder-me, mas para esquivar-me o rosto. Quando lhe pedi a contradansa, creio que ella fez um grande esforço, porque o seu pescoço de cysne perdeu a doce flexibilidade : ergueu a cabeça com certa aspereza.

Pôz os olhos no meu rosto, e correu-me um olhar frio e gelado, que me tranziu.

— Não, senhor: disse com a voz secca e rispida. Ainda eu estava imóvel diante della, quando chegou-se pressuroso o Barbosinha:

— Já tem par para esta contradansa, D. Emilia?

— Ainda não tenho, não senhor: respondeu ella com a pronuncia clara e vibrante.

— Então, faz-me a honra de dansar comigo?

Levantou-se para tomar o braço do cavalheiro. Eu tive uma vertigem de colera; era a segunda vez que essa menina humilhava-me.

D. Leocadia passou nessa occasião:

— Ah! Não quiz dansar com Mila?

— Ao contrario, não lhe mereci essa fineza.

— Pois ella recusou? disse a senhora contrariada.

— Naturalmente já tinha par, D. Leocadia.

Emilia, que se collocára para a quadrilha á pequena distancia, voltou-se rapida ao ouvir as minhas palavras. Um fino sorriso de ironia passou-lhe fugace entre os labios.

— Vou prevenil-a para a seguinte: me havia respondido a tia.

— Perdão, D. Leocadia! Teria com isso o maior prazer, mas... eu me retiro já.

— Devéras, doutor? atalhou D. Mathilde, que atravessava o salão. Dê-me o seu braço. Então, como é isso? O Sr. já se retira?

— Estava nessa intenção, D. Mathilde; mas agora, admira-me como a pude ter.

— Ah! E' catavento assim?

— Quem deixará de o ser, quando o sôpro vem perfumado da mais linda boca?

— Eu devia punil-o por ser tão lisongeiro, obrigando-o a dansar comigo esta contradansa . . .

— Isso seria a minha recompensa.

— Parece-lhe? . . . Pois vou dar-lhe outra mais doce.

D. Mathilde fez com o leque um aceno a filha:

— Julinha?

— Mamã!

— Dansa com o Sr. Amaral, e vê si consegues fazel-o esquecer as horas.

— Ao menos a punição é generosa: foge-me o original, mas deixa-me a cópia sua.

Isto foi dito enquanto a menina trocava algumas palavras com uma amiga. D. Mathilde esperava o meu cumprimento, e o agradeceu com terno sorriso:

— Antes que me esqueça, doutor, disse-me ella; nós estamos em casa todas as noites que não fôrem de baile ou theatro lyrico; e nas quintas-feiras com especialidade.

A prima e companheira de infancia de Emilia era uma moça muito galante. Parecia-se com a mãe sómente no rosto: o talhe não o tinha, nem alto nem esbelto, mas admiravelmente torneado.

Julinha nunca foi loureira; faltava-lhe para isso

o orgulho de sua formosura, e a inveja da formosura alheia. Mas educada na sala, aos raios da galanteria materna, perdêra cedo o casto perfume. Desde menina habituou-se a ser amimada ao collo e beijada por quantos frequentavão a casa.

Deus a tinha feito nimiamente boa e compassiva; por isso quando chegou a idade do coração, ella não soube recusar ao amor as caricias, que forão brincos da infancia. Suas affeições erão sempre sinceras e leaes: nunca trahiou nem por pensamento o seu escolhido: mas tambem si este a esquecia e mudava, ella facilmente se consolava, porque em naturezas como a sua o amor não cria raizes profundas, e só vegeta á superficie d'alma.

Continuei á frequentar a casa de D. Mathilde. Ali durante um mez Emilia não perdeu occasião de crivar-me o coração com os alfinetes de sua colera feminina.

Uma noite de reunião, servia-se o chocolate. Ella ia tomar uma chicara na bandeja que passava, quando o creado sem perceber o movimento seguiu. Si visses o meigo imperio do olhar que me lançou, comprehenderias porque apesar do meu resentimento, apressci-me a servi-la.

Entretanto quando lhe offereci o chocolate, recebeu inteiramente distrahida, sem me olhar.

— Muito agradecida! disse-me, atirando a palavra da ponta do beijo o mais lindo, e tambem o mais desdenhoso.

Retirei a mão, julgando que ella sustinha entre os dedos delicados a chicara ; mas esta acabava de espedaçar-se no chão manchando a saia achamalotada do seu rico vestido de seda azul.

Emilia ficou impassivel. Volvendo lentamente o rosto, atirou-me por cima do hombro, estas duas palavras que vierão afogadas no escarneo :

— Com effeito !...

E retirou-se da sala.

Ella tinha deixado cahir a chicara de proposito ; mas naquella occasião estava bem longe de suspeita-lo. Lancei toda a culpa sobre mim ; e tive-me em conta do maior desastrado.

Procurei-a : já tinha partido. Na proxima quinta-feira, logo que cheguei, dirigi-me a ella para lhe pedir perdão da minha inadvertencia :

— Peço-lhe mil desculpas, minha senhora, pelo que succedeu !

— Quando ?

— Na quinta feira passada.

— Não me lembro.

— Aquella minha distracção de deixar cahir a chicara...

— Ah ! foi o senhor ?... Nem reparei ! disse-me com a maior indifferença.

Esta palavra me offendeu mais que tudo quanto me tinha feito essa moça. Nem siquer com o seu odio ella se dignava me distinguir !

De dia em dia a sua aversão tornou-se mais clara.

Ella procurava sempre esquivar-se ao meu cumprimento, e quando de todo não podia evita-lo, recebia com fria altivez. Si estava ao piano e eu chegava, erguia-se, deixando suspensos os que a ouvião tocar ou cantar. Inventava então qualquer dos pretextos em que era fertil o seu espirito vivaz; porém o verdadeiro motivo deixava-o bem transparente. Si eu me aproximava do circulo onde ella conversava, chamado por alguma palavra a navel de D. Leocadia, calava-se immediatamente, e no primeiro momento favoravel eclipsava-se.

Duas ou três vezes, chegando á casa de D. Mathilde, achei-a entretida a brincar com a prima e algumas amigas. Vendo-me entrar na sala, levantou-se brusca-mente, e despediu-se das outras sorpresas:

— Adeus! Adeus! Vamos, Geraldo!

Tomava o chapéo, e o irmão contrariado a seguia; entravão no carro, e partião para a chacara, apesar de ter ella promettido passar o dia com Julinha, e serem já horas do jantar.

Tudo isso me convenceu afinal, que o procedimento de Emilia não era filho de uma simples antipathia, mas de um proposito firme de humilhar-me.

Parecia um systema de perseguição acintosa. O instincto da defesa accorreu em mim, e com elle o desejo da vingança. De longe e disfarçadamente comecei a estudar essa moça, resolveo a descobrir o seu ponto vulneravel.

Desde que a *Duarzinha*, como a chamavão nos

salões, appareceu nas reuniões de D. Mathilde, foi logo cercada por uma multidão de admiradores. A sua nobre altivez os mantinha em respeitosa distancia. Ella conservava sempre na sala, como na intimidade, um mimo de orgulhosa esquivança, que afastava sem offender.

Quando porém, algum mais apaixonado ou menos perspicaz de seus admiradores, ousava transpor aquella régia altivez e casta aureola em que ella resplandecia; então a sua colera reve-tia certa magestade olympica que fulminava.

Emilia não valsava: nunca nos bailes ella consentiu que o braço de um homem lhe cingisse o talhe. Na contradança as pontas dos seus dedos afilados, sempre calçados nas luvas, apenas roçavam a palma do cavalleiro: o mesmo era quando aceitava o braço de alguém. Bem differente nisso de certas moças que passeião nas salas reclinadas ao peito de seus pares, Emilia não consentia que a manga de uma casaca roçasse ao menos as rendas do seu decote.

Uma noite, dançando com o Amorim, socio de seu pai, recolheu a mão de repente, e deixou cahir sobre elle um dos seus olhares de Juno irritada:

— Ainda não sabe como se dá a mão á uma senhora? disse com despreso.

Proferidas estas palavras sentou-se no meio da quadrilha, e nunca mais dançou com elle. O Amorim em uma das marcas, tinha-lhe inadvertidamente tomado a mão, em vez de apresentar-lhe a sua.

Frequentava as reuniões de D. Mathilde, um moço official de marinha, o tenente Veiga. Tinha uma nobre figura e o cunho da verdadeira belleza marcial. Era um dos mais ferventes adoradores de Emilia. Tirando-a para dansar uma noite, ella ergueu-se e ia dar-lhe o braço; mas retrahiou-se logo e tornou a sentar.

— Desculpe-me. Não posso dançar!

— Por que motivo, D. Emilia?

Ella callou-se; mas fitou-lhe as mãos com olhos tão expressivos, que o moço comprehendeu e corou:

— Tem razão. Tirei as luvas para tomar chá e esqueci-me de calçar-las.

Estes e muitos outros (pequenos) factos são commentados no salão de D. Mathilde pelas outras moças, que não perdoavam a Emilia tantas superioridades, como ella tinha; pois cingia-lhe a fronte a triplice corôa da belleza, do espirito e da riqueza.

Muitas vezes eu assistia callado aos tiroteios dessa guerra feminina.

Alguma rival, observando a suprema delicadeza do gesto casto e gracioso de Emilia, ralava-se de inveja e dizia para as amigas:

— Ai gentes! Não me toquem!...

— E' mesmo um alfinim! accudia outra.

— Pois ha quem supporte aquillo?

— Ora! E' rica! Tem bom dote!

— Já repararão? Nem ao mano, ella se digna apertar a mão!

— Tem medo que não lh'a quebrem, coitadinha!...

— Não fallera assim! dizia Julia voltando-se com um gesto supplicante. Que mal lhes fez Mila?... Pois olhem! Eu acho aquelles modos tão bonitos!...

E Julinha, a flôr exhale da sua fragancia, tomava a defesa da prima, e fazia com uma doce melancholia o elogio daquelle suave matiz de pudicicia, que ella, misera, tão cedo perdera. Ouvindo-a, eu me sentia attrahido para essa boa alma, que Deos tinha feito para a familia e a mãe desterrara para o mundo.

Apesar da esquivaça constante de Emilia, eu observei depois de algumas semanas, que ella tinha um circulo especial de admiradores, onde escolhia habitualmente os seus pares.

Esses felizes preferidos obtinhão além do favor da costumada contradança, um largo intervallo de conversa intima.

Nessas occasiões ella fallava pouco; apenas de espaço á espaço dizia algumas palavras: mas escutave com visivel interesse, séria um as vezes, outras sorrindo.

Quando confirmei esta minha observação, senti n'alma o agridoce dos prazeres, que a semelhança do vinho se derrancão no coração.

— É uma namoradeira?

Murmurou minha alma vingada, porém triste.

A belleza sem macula dessa menina humilhava-me: mas a profanação de sua alma, que eu lobrigava naquellas preferencias de sala, me confrangeu o coração.

— Não é por ella que eu sinto; pensava eu. É por sua familia, especialmente por seu pai a quem estimo.

V

Por esse tempo Emilia fez a sua entrada no Cassino.

— Já vio a rainha do baile? disserão-me logo que cheguei.

— Ainda não. Quem é?

— A Duartezinha.

— Ah!

Realmente, a soberania da formosura e elegancia, ella a tinha conquistado. Parecia que essa menina se guardara até aquelle instante, para de improviso e no mais fidalgo salão da côrte fazer a sua brilhante metamorphose. Nessa noite ella quiz ostentar-se deusa; e vestiu os fulgores da belleza, que desde então arrastarão apos si a admiração geral.

Seu traço era um primor do genero, pelo mimoso e delicado. Trazia o vestido de alvas escomilhas, com a saia toda rofada de largos folhos. Pequenos ramos de urze, com um só botão côr de rosa, apanhavam os fôfos transparentes, que o menor sopro fazia arfar. O forro de seda do corpinho, ligeiramente decotado, ape-

nas debuxava entre a fina gaza os contornos nascentes do garceo collo ; e d'entre as nuvens de rendas das mangas só escapava a parte inferior do mais lindo braço.

Era o toque severo do pudor corrigindo a tunica da vestal immolada á admiração ardente das turbas.

Quando Emilia sentava-se, abatendo com a mão afilada os rofos da escossia parecia-me um cysne colhendo as azas á margem do lago, e arrufando as niveas pennas. Quando erguia-se e colleava o talhe flexivel fazendo tremular as brancas roupagens, lembrava o gracioso mytho da belleza, que surgiu mulher da espuma das ondas.

Estive contemplando-a de longe. A multidão dos seus adoradores a cercava como de costume, e ella distribuia aos seus predilectos as quadrilhas que pretendia dansar. Pela expressão de jubilo ou de contrariedade dos que voltavão, eu conhecia si tinham sido ou não felizes.

Que interesse tão vivo achava eu nessa observação?

Já comprehendeste sem duvida, Paulo, que essa menina me preocupava a máu grado meu. Pois sabe, que naquelle momento tinha inveja dos preferidos ; apesar do juramento que eu fizera de nunca dansar com essa moça depois da desfeita que soffri, commetteria a indignidade de ir supplicar-lhe ainda a graça de uma quadrilha, si não temesse nova e humilhante repulsa.

Livre um instante da sua roda de admiradores, Emilia correu a vista pelo salão, e fitou-a em mim com

uma persistencia incommoda. Ella tinha, quando queria, olhares de uma attracção imperiosa e irresistivel que cravavão um homem, o prendião e levavão captivo e submisso á seus pés. Eu resistia comtudo; mas ella me sorriu. Então não tive mais consciencia de mim; deixei-me embeber naquelle sorriso, e fui, cego d'alma que ella me raptara e dos olhos que me deslumbrava.

— D. Emilia. . . balbuciei cortejando.

Mas que extranha mutação! A sua esplendida belleza congelou-se. As longas palpebras erguidas parecião fixas sobre uns olhos lividos e mortos. Resvalando pela tez baça, as luzes pallejavão-lhe a fronte jaspeada. O talhe de suaves ondulações crispava-se agora com uma rigidez granitica. Senti, aproximando-me, exhalar-se della a frialdade, que envolve como um sudario transparente, as estatuas de marmore.

Passei, e tão alheio de mim, que não veria Julinha e D. Mathilde alli sentadas, si esta não me advertisse da minha falta.

— Boa noite, doutor! Que distrahido que elle está hoje!

— Perdão, D. Mathilde! Como passou?.. Ia com effeito, não distrahido; mas offuscado por tanto luxo e formosura. A culpa por conseguinte tambem lhe cabe e em grande parte!

— Quando é que o senhor ha de perder o costume de ser lisongeiro?

— Quando a senhora quizer acreditar-me!

D. Mathilde começou então a sua revista do baile, que eu escutei, sem ouvir. Emilia estava allí perto, e não a olhava, mas sentia.

— Julinha !... disse ella rindo. Sabes quantas contradanças já me fizerão acceitar? Quinze!

— Si dançar-se a metade, será muito!

— Não, enganei-me, não forão quinze. Para a terceira não acceitei.

— Porque? perguntou a prima.

— Guardei esta ... para mim... .. para ficar sentada.

— Que lembrança!

— Depois.... Quem sabe?... Talvez me resolva a dançar. Si me pedirem muito!

Emilia sorria dizendo essas palavras, e eu senti a luz de seus olhos ferir-me a vista.

Meus espiritos alvoroçados serenarão como por encanto. Reconheci-me o homem que fui e sou: frio e sempre calmo, durante o somno profundo e longo do coração, o qual até agora felizmente só teve uma, mas bem cruel vigília.

Compreendi tudo; compreendi o olhar, o sorriso e o dialogo. Emilia me provocava directamente para lhe pedir aquella terceira contradança reservada: queria me ver sup licante a seus pés, e vil, apesar da primeira humilhação. Então quando a sua vaidade estivesse saciada, me insultaria de novo do alto do seu orgulho, flagellando-me as faces com um daquelles seus olhares de soberano desprezo.

Minto : eu não tinha comprehendido nada. Ainda hoje , depois de tudo quanto soffri , sei eu comprehender semelhante mulher ?

Desde que eu entrevi a perfidia da provocação, cobrei a calma. Tambem tive o meu sorriso desdenhoso e o meu gesto de indiferença. Pedi á D. Mathilde justamente a terceira contradança, e ella m'a concedeu apesar de já a ter promettido :

— Farei uma troca ! disse-me. Dançarei a quinta com o Dr. Chaves.

Minha intenção foi convencer logo a Emilia que ella se illudia. Desejava que não pairasse no seu espirito a minima esperanza de que eu me deixasse immolar ao seu orgulho. Ella bem me entendeu. Seu dente mimoso , mordendo o labio, annunciou-me a sua colera e a minha punição.

Esta não tardou muito.

Tinha-me eu retirado do salão, e estivera conversando n'uma das salas proximas. Dan lo a musica signal de que o baile ia começar, lembrei-me que Juliinha me promettera na vespera a primeira quadrilha e fui me aproximando.

Creio que viste o antigo Cassino , de feia architectura e pobre decoração , porém mais festejado que o moderno, apesar da sua riqueza. Has de te lembrar das columnas que ali havia. Eu me appoiara a uma dellas, esperando que se formassem as quadrilhas.

A fimbria de um vestido roçou por mim. Emilia passava pelo braço de uma de suas amigas ; passava

altiva, desdenhosa, meneando com gestos soberanos a linda cabeça coroada pelas tranças bastas do ondulado cabello. Fiquei immovel entre ella e a columna, acompanhando com a vista, sem querer, o garboso desenvolvimento daquelle passo de sylphide.

De repente ella descahiu o corpo no movimento que fazem as senhoras, quando sentem presa a cauda do vestido. Com essa inclinação, as ondas da escomilha me envolvêrão os pés. Ouvi o rechino de lençarias que se rasgassem com violência. Empallideci !... Os folhos do elegante vestido, composto com tanto esmero, rojavão espedaçados pelo chão.

Emilia retrahiu o passo, e abateu uns olhos frios para o estrago do trajo mimoso, que tantos elogios e maior inveja excitara. Depois esbeltou-se para dar-dejar-me sobranceira outro olhar, mais frio ainda, que me traspassou.

— Nem de proposição !.

Ah ! Paulo. si tu ouviras a voz com que me forão ditas estas palavras ! O ferro boto não penetra, serrando as carnes, com dôr mais intensa, do que deixavão essas palavras rasgando-me os seios d'alma !.

Ainda me adiantei exclamando :

— E' uma injustiça, minha senhora !.

Por toda resposta, ella curvou-se para colher as orlas espedaçadas do vestido ; arrancando uns fragmentos que arrastavão ainda, atirou-os de si ; elles vierão cahir á meus pés, e eu apanhei-os estupidamente.

Duvidei de mim um momento. Teria eu insensível.

mente pisado a fimbria da saia? Mas como, si ficara immovel, e nem sequer me voltara? Junto de mim não estava outra pessoa; era pois ella propria quem, para não roçar-me passando, rasgara sem querer o seu vestido, e se aproveitara do incidente para mortificar-me.

Podia eu imaginar que ella tivesse por acinte á mim sacrificado deliberadamente a sua elegancia e os triumphos que lhe promettia o baile, cousas que só ao enthusiasmo da primeira paixão, sacrificião raras mulheres, as heroínas do amor?

Tocava a contradança; dei o braço á Julinha. Como já me aborrecia esse baile antes de começar!

Não via Emilia; procurava-a nas quadrilhas já formadas, quando ella surgiu diante de nós, envolta na sua ampla mantilha côr de cinza, que lhe occultava todo corpo e cingia com uma das pontas o collo, e parte da cabeça. Estendeu a mão á prima:

— Adeus!

— Que é isso, Mila?

— Vou-me embora. Não vê?

— Ainda o baile nem começou!

— Acha você que estou muito indecente? disse abrindo a manta e mostrando a escomilha esgarçada sobre o fôro de setim.

— Que foi isto? Quem lhe pôz nesse estado?

— Quem?... Um pé!...

Já viste alguma vez, Paulo, a mesquinhar assim um homem e esmagal-o com uma palavra?

Emilia attribuia á mim o que lhe acontecera; e não achava para designar-me, nem o meu nome, nem mesmo a minha qualidade de creatura humana. Era uma cousa, uma parte desprezível do corpo, um pé!

Não sei o que na minha indignação ia responder-lhe, si ella me dêsse tempo, e não se affastasse rapida.

— Mas isto concerta-se! disse Julinha seguindo-a. Venha cá!

— Não vale a pena. Adeus.

Retirou-se pelo braço do pai, risonha, sem a menor sombra de contrariedade aqui.

Durante o resto da noite fui o alvo dos remoqueos dos apaixonados de Emilia; olhavam-me com a escarriinha commiserção que inspirava nelles o meu desasamento. Por outro lado, as moças parecião agradecer-me o serviço que lhes prestara com o eclipse da belleza-rainha da noite.

Uma chegou até a dizer-me:

— Ande lá! O Sr. o fez de proposito, e agora quer negar!

Não lhe dei resposta.

VI

Esperei com impaciencia a proxima quinta-feira. Estava resolvido a explicar-me com Emilia!

Durante o principio da noite, conservei-me sentado na varanda; mas via, por um espelho fronteiro á porta, D. Leocadia e a sobrinha no seu lugar do costume, á um canto do salão. Depois do chá realisou-se o que eu esperava; ficou vaga uma cadeira entre ambas; occupei-a logo.

Emilia estremeceu: voltou-se toda para fallar a outra moça, que lhe ficava a esquerda: senti que a sua cadeira se afastava da minha por um movimento imperceptivel.

— D. Emilia! disse de modo que me attendesse.

Ella olhou-me.

— Desejo fazer-lhe um pedido.

Não me respondeu; mas uma ligeira inflexão do rosto parecia indicar-me que se dispunha á ouvir.

— Diga-me, D. Emilia, si alguma vez involuntariamente a offendi, para que lhe suplique o meu

perdão?. Mas creio antes que tive a infelicidade, e não a culpa, de desagradar-lhe. . . Si isto é verdade, farei que a minha presença não a importune mais!

Levantei os olhos para ella. Parecia não me ouvir, nem mesmo ter consciencia de que eu ali estivesse e lhe fallasse. Sua alma passava-lhe nos olhos, e ia ao outro lado da sala. Havia em sua physionomia e na sua attitude a expressão pasma, que deixa a alheiação ou o recolhimento dos espiritos.

— Não me responde, D. Emilia? insisti ainda.

Continuou impassivel. Estive algum tempo observando-a: depois voltei-me para D. Leocadia.

— A senhora tem notado alguma alteração na saúde de D. Emilia?

— Não, doutor; porque? perguntou-me assustada.

— As molestias graves, como a que ella soffreu costumão affectar alguns órgãos importantes. Por exemplo algumas vezes deixão uma surdez incommoda:...

— Pois ella, não! Ouve até muito bem!

-- Ah! ha pouco me pareceu o contrario!

Emilia ergueu-se:

— Tambem a mim me parecia que o Sr. Dr. Amaral era myope; mas agora conheço que enxerga muito e longe!

— A senhora ouviu?. . . Desculpe! Cuidei que estava distrahida.

— Enganou-se ainda desta vez! disse-me e affastou-se.

Uma das allusões de Emilia, eu tinha comprehen-

dido perfeitamente: ella me qualificava de myope por não ter percebido logo quanto eu a importunava, Que sentido porém tinham aquellas outras palavras — *enxerga muito e longe?* Devia ter breve a explicação.

Julinha estava ao piano: conversavamos.

A voz dessa menina tinha não sei que de bom e mavioso, que penetrava o coração de suaves effluvios. Era quasi sempre ella quem me applicava as coleras suscitadas pelos motejos da Duartezinha.

Esta passeava na sala pelo braço de um moço de vinte annos, ridiculo arremedo de homem, que a moda transformara n'um elegante boneco. Emilia, na sua fria e incisiva ironia retratava-o com um monosylabo. Ella dizia por exemplo:

— *Nós* somos um perfeito cavalheiro de sala, Sr. Barbosinha. *Nós* trajamos no rigor da moda.

Este *nós* era o pronome da fatuidade e effeminação desse moço.

Passando por diante do piano, Emilia soltou uma risada bem alta e dirigiu-se a Julinha:

— Não lhe parece, prima?

— O que, Mila?

— Eu dizia aqui ao senhor que a gratidão é um sentimento mesquinho.

— Como mesquinho? Não entendo!

— D: Emilia quer dizer que não passa de um fingimento; acodiu o Barbosinha.

— *Nós* nos enganamos, Sr. Barbosinha! replicou Emilia sorrindo. Eu digo, prima, que isso de gratidão

não é um sentimento nobre e elevado; pelo menos, eu nunca desejaria inspira-lo a alguém.

— Porque razão, prima?

— Pois não, Julinha! Póde haver nada menos generoso e mais ridiculo do que um individuo, porque prestou um serviço, mesmo que salvasse a vida á alguém.... arrogar-se uma certa superioridade sobre o outro e julgar-se com direito á tudo.... á estima e á amisade de uma pessoa?... Não é uma especie de humilhação que se impõe aquelles que não pedirão, nem desejavão os seus favores, e talvez os podião pagar?

Emilia fallava com uma natural volubilidade, como si estivera conversando de cousas indifferentes. Seu labio desfolhava de envolta com as palavras, breves e finos sorrisos, que erão como os espiritos máos de suas palavras. Eu a escutava de parte, sentindo os dardos do escarneo que ella me atirava de revez. De repente vi passar-lhe pelos olhos vivo e subito lampejo.

— E alguns ha desses generosos, continuou ella, que não perdem occasião de lembrar o beneficio feito, com receio de que o possão esquecer! Si não é uma infelicidade, parece uma....

Eu vi clara e distincta a palavra *especulação* na boca de Emilia; e estava de pé, alheio de mim, antes que ella a pronunciasse. Que ia eu fazer? Que podia eu, contra o insulto de uma mulher, e ali no meio de uma sala? Nada. Erguera-me por esse movimento involuntario e mysterioso que nos momentos solemnes erige a estatura do homem, como a expansão natural

de sua força e dignidade. Sentados parece que nos curvamos á injúria, e a deixamos pesar sobre nossa cabeça ; erGUIDOS, como que lhe ficamos sobranceiros, e a olhamos do alto, e a calcamos aos pés !

Emilia vendo-me levantar arrebatado, mediu-me com um olhar provocador, soltando com estudada lentidão a palavra suspensa :

— Uma especulação !

Já eu tivera tempo, não de reprimir, mas disfarçar, a emoção. Disse-lhe folheando ao acaso um álbum de musicas :

— Tem razão, D.^{na} Emilia ; actualmente com tudo se especula, de tudo se zomba. Ganhar muito dinheiro para ter o direito de rir dos outros, eis a grande questão !...

Havia de certo no meu rosto alguma cousa, symptomas do refrangimento de uma alma angustiada, que assustou Emilia. Ella desviou de mim os olhos e esquivou-se tímida e sobresaltada. Parti immediatamente da casa de D. Mathilde : tinha gelo no coração e fogo nas faces.

A minha resposta ao insulto de Emilia me parecia ridícula e parva ; outras replicas mais frisantes me accudião, que eu desejava ter podido lançar ao rosto daquella moça. Envergonhei-me do ridiculo papel que fizera.

— Si ella amasse alguém !. pensava então. Eu a insultaria na pessoa d'elle.

Decorrerão dias ; em todos elles meu primeiro

pensamento, abrindo os olhos, era dessa mulher. Forão máos dias esses, que tiverão suas manhãs de odio. Emfim, voltou a calma; o rancor se occultara no coração, como a fera no covil, para espreitar a sua vingança.

Pouco tempo depois, Geraldo, jantando em minha casa, disse-me de repente no meio de uma conversa:

— Agora me lembro!... Has de fazer-me um favor, Amaral?

— Farei, podendo.

— Mas olha que é segredo. Si disseres uma palavra, está tudo perdido! Mila é capaz de ficar mal comigo; e eu antes quero estar mal com meu pai, do que com ella.

— Pelo que vejo tua irmã tem parte nisto?

— O negocio é della. Eu te conto. A senhora minha irmã tem a mania de dar esmolas.

— Ah! Não sabia!

— Pois fica sabendo: mas cuidado!... Não des o menor signal de que eu te disse semelhante cousa!

— Que interesse tenho eu em te comprometter? Podes estar descansado. Mas então, D. Emilia é tão caritativa assim? Em uma moça, admira!

— Oh! nem tu fazes idéa! Ella tem uma porção de velhas, suas protegidas, que não se sahem da porta. E não contentes já de pedirem para si, pedem tambem para os outros. Desde criança que Mila se acostumou, quando meu pai volta da cidade, á tirar-lhe todo o dinheiro que elle traz solto na algibeira; e meu pai

deixa de proposito uma porção de moedinhas de prata, além do que lhe dá sempre que ella pede. Pois quasi todo esse dinheiro é filado pelas taes velhas.

Geraldo suspirou :

— Que dinheiro tão mal gasto. Podia-me servir ao menos para charutos !

— Mas que relação tem isso com o teu pedido ?

— E' verdade ! Uma das taes velhas descobriu, ou inventou, o que é mais certo, a historia de uma menina que perdeu pai e mãe, e está na miseria, sem parentes que olhem para ella. E de que havia de lembrar-se ? De mettel-a no recolhimento das orphãs !

— Foi uma boa lembrança.

— Achas que sim ? Melhor, porque és tu quem ha de arranjar isto.

— Como ? Tua irmã ? . . .

— Ella approvou muito a idéa, e incumbiu-me de obter a admissão da menina, com um dote, que deve receber quando se casar. Vê que extravagancia ! Eu tenho lá tempo para cuidar dessas cousas ? Mas não ha remedio senão fazer-lhe a vontade. Ha muitos dias que estou para te fallar nisso, e felizmente agora lembrou-me . . . Tu andas lá pela Misericordia, conheces aquella gente . . .

Tive uma inspiração.

— Pois bem, Geraldo. Fica ao meu cuidado.

— Promettes então arranjar o negocio ?

— Dou-te a minha palavra ; e quasi te posso assegurar que é cousa feita.

— Muito bem ; mas que seja logo ! Mila não me deixa, e eu não sei já que desculpas invente !

— Amanhã mesmo tratarei disso. Como se chama a menina ?

— Homem ! Si queres que te diga, não sei. Mila deu-me um papel, que eu nem abri. Deve estar no bolso do meu *paletot*.

— Pois isso é indispensavel, assim como a idade e filiação...

— Eu vou para a caza, e te mando o papel hoje mesmo.

Esperei até a noite com febril impaciencia. Geraldo não cumpriu a promessa ; mas no dia seguinte por volta de uma hora elle appareceu.

— Aqui tens ! disse-me tirando da carteira a nota. E adeus.

— Onde vais já ? Não queres jantar ?

— Hoje não. Vou jantar ao Jardim ; temos lá esta noite um pagodesinho soffrivel.

Ao descer a escada voltou-se :

— Sim ! Eu prometti a Mila que o negocio não passaria desta semana. Vê si me deixas ficar mal !

— Vai descansado : respondi-lhe sorrindo.

Reli a nota que Geraldo me havia dado. Era uma meia folha de pequeno velino, onde a mão de Emilia traçara algumas linhas com elegante e fina escriptura. Conservei este papel por muito tempo ; creio que o queimei sem querer de envolta com outros. Nem já me lembra o nome da menina, que teve sem o

saber, uma influencia rapida, mas decisiva na minha vida.

Uma carta da mulher que eu amasse talvez não produzisse em mim a emoção que senti, lendo aquellas palavras. Sorria de contentamento, e uma vez machuquei o papel aos labios. Cuidei então que affagava a minha vingança; mas quanto me enganei! Sorvia o filtro dos odios fugaces de um amor espesinhado!

— Ah! Ella é boa e compassiva! murmurava eu. Estou vingado!

Até então, Paulo, cuidava que um egoismo frio forrasse a alma dessa menina; e tinha medo, porque todo o desprezo, que eu pudesse amassar no meu coração para affrontal-a, iria bater e pulverisar-se nessa crosta impenetravel.

Recolhi um instante em mim para reflectir. Concertado o meu plano, a execução foi immediata. Tudo me favorecia: era um sabado, dia em que o Sr. Duarte se recolhia mais cedo; por outro lado o passeio de Geraldo me assegurava da sua ausencia.

Cheguei á casa do negociante com as primeiras sombras da noite.



VII

A casa do Sr. Duarte acabava de soffrer uma transformação completa.

Quando eu a conheci, e mesmo ainda depois de minha volta, era um velho predio, feio e irregular, construido n'uma das abas da montanha que cinge os amenos valles de Catumby e Rio Comprido. A chacara coberta de arvoredos estendia-se pelas encostas até as pitorescas eminencias de Santa Theresa.

Gozava-se ahi de uma vista magnifica, de bons ares e sombras deliciosas. O arrabalde era naquelle tempo mais campo do que é hoje. Ainda a foice exterminadora da civilisação não esmoutára os bosques que revestião os flancos da montanha. A rua, esse braço mil do centauro cidade, só annos depois espreguicando pelas encostas fignou as garras nos cimos frondosos das collinas. Ellas forão outr'ora, essas lindas collinas, a verde corôa da joven Guanabára, hoje velha regateira, calva de suas mattas, nua de seus prados.

Caminhos íngremes e sinuosas veredas serpejavão então pelas faldas sombrias da montanha, e prendião como n'um abraço as raras habitações que alvejavão de longe em longe entre o arvoredo. Limpidas correntes, que a sede febril do gigante urbano ainda não estancára, rolavão trepidas pela escarpa, saltavão de cascata em cascata, e ião fugindo e garrulando conchegar-se nas alvas bacias debruadas de relva.

As paineiras em flôr meneavão á doce brisa da tarde os brilhantes penachos, como n'uma festa da roça, as mais bellas raparigas, soberbas de seus enfeites, balanção airosas ao som da musica as frentes toucadas de nastros de fitas.

Crescião ali bosques espessos de bambús que ciciavão brandamente, enquanto os leques das palmeiras vibrados pelo vento, arpejavão como fructa rustica.

Naquelles lugares nascera Emilia e se criara. Elles forão o molde de sua alma, formada ao contacto dessa alpestre natureza cheia de fragosidades e umbrosas espessuras.

A primeira vez que a timida menina se arriscou a penetrar esse matto esquecido ás abas da cidade, tinha ella onze annos. Até então vivera á sombra materna, como flôr que se planta em vaso de porcelana e vegeta nos terraços. Do collo passara ao regaço: quando principiou a andar cozeu-se á falda do vestido de sua mãe.

Com os habitos sedentarios que tinha a senhora, a

órbita do seu giro não se estendia além da beira da casa e do estreito jardim, que uma cerca de taboas separava da chacara inculta e abandonada: porém mesmo de longe Emilia enfiava os olhos por entre os grupos de arvores.

Vinhão d'ali rumores vagos e estranhos misterios que a estremecião. Logo presa de grande payor, fugia a abrigar-se no collo materno.

Um dia venceu a tentação. A menina avançou affouta, cuidando encontrar perto a professora. Não a viu; quiz retroceder e não teve animo; tornou a avançar; o menor ruido a assustava, a mais leve sombra lhe incutia terrores e vertigens. Até que succumbiu n'um ataque de nervos.

Emilia esteve dois dias de cama. A mãe declarou-a doente por uma semana. Houve larga discussão á respeito do grave acontecimento: um mez durante não se fallou de outra cousa. Julinha foi estar algum tempo com a prima para distrahi-la: e a medrosa menina se viu cercada dos maiores disvellos.

Tudo isto produziu effeito opposto ao que esperava a mãe. Cuidava ella conservar assim aquella natureza frágil, tímida e melindrosa, que só podia viver elada ao seio materno, como hera ao tronco. Que bem sabia do germen funesto que lançara na alma tenra da filha!

Foi a semente da primeira rebellião. Emilia teve grande vergonha do seu panico. Um sentir novo e extranho, que não era desejo, nem raiva, pesar ou

contentamento, porém um mixto de tudo isso, á entumecer-lhe a alma ; um sentir nunca sentido, turbou a innocencia da menina.

Muita vez á sós as faces lhe ardião, o sangue fervia dentro, as lagrimas saltavão dos olhos; subito erguia-se, com o talhe erecto, a cabeça desafrontada, o olhar aceso, e um sorriso — que sorriso ! — mordido no labio turgido. Erguia-se para bater com o pé no chão e desafiar do gesto uma visão de sua fantasia.

A teima infantil, que devia ser orgulho na mulher, estava se gerando naquelle coração de menina.

Uma noite ao deitar, Emilia jurou que arrostaria tudo para atravessar ella só a alameda da chacara. Seu dito, seu feito, e logo feito. Os primeiros albores do dia a achárão já prompta. A excepção de alguns escravos todos dormião na casa.

Esgueirou-se furtivamente pelas escadas e ganhou a cerca. Da cancella até o fim da alameda foi uma corrida só e de olhos feixados. Lá parou, tomou folego e correu a vista espavorida pelas densas e escuras ramadas. Disparou nova corrida mas ja senhora de si. Assim percorreu duas ou tres vezes a alameda. Quando o sol nasceu, entrava ella sem ter sido presentida, e mettia-se na cama, onde sua mãe com pouco a foi despertar.

Nesse dia Emilia esteve de uma alegria que não mostrara recebendo a mais enfeitada de suas bonecas. Saltava de contente; a ponta de seu pé calcava mais firme o chão como si o quizera repellir, tanto o

passo era firme e altivo. A luz filtrava mais viva na pupilla negra; a mão tinha taes impetos nervosos que partia as canetas escrevendo, e amarrotava a costura.

— Foi essa a minha primeira travessura, me dizia ella contando as suas recordações de infancia. D'ahi em diante a minha affoutesa foi em progresso. Um anno depois o mato ja não tinha segredos para mim: eu conhecia todos os trilhos e veredas, sabia onde estava a melhor goiabeira, o cajueiro mais doce e o côco de indaiá, de que eu era muito gulosa! Eu mesma... O senhor acredita?... trepava nas arvores, pendurava-me aos ramos, e saltava pelas ladeiras as mais íngremes.

— E sua mãe consentia nisso? perguntava-lhe eu.

— Não consentia, não! Pobre mãe! Nunca ella o soube. Eu aproveitava as horas de estudo em que me deixavão só. A sala dava para o jardim; n'uma volta ou n'outra eu ganhava a chacara, sem que me vissem. Demais, sonsa como era então, ninguem em casa podia desconfiar das minhas travessuras. Diante de gente tinha tal acanhamento que até ja aborrecia. Minha mestra chamava á isso com muita graça a minha *ferocidade caseira*!...

Fôra assim, Paulo, que se formara essa natureza timida ao mesmo tempo que audaz. Havia nella a transusão de duas almas, uma alma de creança e outra alma de heroína. Só em face da natureza, a agreste poesia daquelles ermos communicava com o seu espirito e o enchia de arrojos admiraveis. Em presença de alguem

a vida soldava-se no intimo como n'um envolturo impenetravel ; prestava apenas na superficie uma sensibilidade irritavel.

Com a idade essa minina assumira á pouco e pouco o governo despotico da casa e da familia. Desde o pai até o ultimo dos escravos todos lhe obedecião cegamente. Ella recebia com gentileza de moça e dignidade de senhora a homenagem devida á superioridade do seu espirito.

Um dia, Emilia, que ja começára a frequentar a sociedade, sorprehendeu a sua alma triste e desconso-lada no meio daquella velha habitação : pareceu-lhe isso um degredo dos ricos salões onde algumas noites se expandia a sua belleza.

Disse então uma palavra. De repente o feio edificio surgiu das ruinas maior e sumptuoso, entre jardins, marmores e repuxos : foi coberto de vasos, pinturas e tapessarias; encheu-se de ricas mobílias ; teve grande trem , numerosa criadagem e serviço magnifico á européa.

Um dos novos creados, que não me conhecia , levára o meu cartão de visita. Esperando, eu observava pelas janellas os taboleiros de relva e os alvos passeios que se recortavão na areia da chacara , á luz frouxa das estrellas. Nada sabendo ainda , sentia em tudo quanto me cercava o tacto delicado das mãos de Emilia.

Ouvi perto de mim a voz do Sr. Duarte.

— Bem apparecido, doutor, nesta sua casa ! Cuide que estava mal com ella !

O negociante conduziu-me a través de grandes salas, que estavam acabando de decorar, á uma saleta do lado opposto do edificio.

D. Leocadia cosia junto á mesa; Emilia estava ao piano; mas vendo-me entrar, levantou-se, correspondeu com a costumada fresa ao meu cumprimento, e foi recostar-se á sacada.



VIII

Passei alguns instantes á conversar com D. Leocadia junto á mesa. O negociante sentara-se n'uma cadeira de palha á porta do terraço, onde regularmente todas as noites fumava o seu charuto.

— Sr. Duarte ! disse eu alteando a voz.

— Doutor !

— O senhor está lembrado do que se passou entre nós ha tres annos, logo depois do restabelecimento de D. Emilia ?

— A que respeito ? . .

— A' respeito da maneira generosa porque o senhor quiz recompensar os pequenos serviços que eu . . .

— Ah ! lembro-me !.

— Pequenos serviços, doutor ! acodiu D. Leocadia. Um irmão não faria por sua irmã o que o senhor fez por Mila.

— Fiz o meu dever, minha senhora, e nada mais ; um simples dever de medico !

— Não ! O senhor pôde pensar como quizer ; mas eu sei que lhe devo a vida de minha filha, doutor ! Si não fosse o senhor...

— Que passou vinte e tantos dias, quasi sem dormir, não pensando em outra cousa... Cuida que eu não vi o seu desespero, quando Mila peiorou ? E até uma vez...

— Perdão, D. Leocadia ! disse eu muito contrariado. A senhora comprehende que não vim lembrar o que se passou á tanto tempo para provocar elogios, que não mereço, e que, desculpe, me desagradão sempre.

— E' tal e qual : sobre isto não é capaz de ceder. Não o contrarie, mana.

— Está bem, doutor, não se zangue ; já me callo ; respondeu a senhora com bondade.

— Repito, continuei, não fiz mais do que a minha obrigação : e quando recusei a recompensa generosa que o Sr. Duarte me offereceu, tive para isso uma razão. Não sei si lhe disse ?

— Creio que sim ; mas não me recordo bem !

— Recusei por interesse...

— Ora, doutor !... murmurou timidamente a tia de Emilia.

— E' verdade, D. Leocadia, por interesse e ambição ! Também tenho as minhas superstições ! Acreditava, e ainda acredito, que a minha primeira cura me devia dar felecidade, si eu a votasse como pia offerenda á sciencia e á humanidade. E não me enganei !... Foi a sua amizade, Sr. Duarte, e a maneira porque recom-

mandou o meu nome aos seus amigos, que me fizeram conhecido e chamado.

—Diga o seu talento ; isto sim é que o fez conhecido e ha de torna-lo um dos primeiros medicos do Rio de Janeiro.

—Não tenho taes pretensões. Já vê pois , D. Leocadia, que o meu desintersse não passou de uma pequena especulação feita sobre a amizade e gratidão de sua familia !

Durante esta conversa eu não deixara de observar Emilia. Ella estava ainda na janella ; a principio fez um movimento para voltar-se, que logo reprimiu ; depois pendera a fronte na mão e conservara-se immovel.

As minhas ultimas palavras a arrancárão brusca-mente á essa attitude pensativa : atravessou a sala e veio sentar-se no sofá, defronte de mim. Toda ella era desdem e altivez. Nós cruzámos um olhar, como dois adversarios cruzão o ferro, começando o combate.

—O doutor está gracejando ! disse-me D. Leocadia.

— Demais eu não fui tão desinteressado como parecia, porque... Deve recordar-se, Sr. Duarte... Recusando naquella occasião prometti-lhe comtudo que si alguma vez me achasse em embarços, não recorreria a nem uma outra pessoa...

—E' exacto ! O senhor deu-me a sua palavra... Mas infelizmente ainda não chegou essa occasião, e receio que nunca chegue.

—Pois chegou ! disse eu corando mau grado meu.

Não obstante a punição que eu ia infligir á essa moça, e a zombaria da minha simulada cupidez, não me pude eximir ao vexame de mostrar-me um instante dominado por mesquinho interesse pecuniario em face de pessoas que me estimavão. Mas o prazer da vingança me arrastava.

—Seriaamente, doutor? exclamou Duarte. Não sabe quanto isso me alegra. Disponha francamente de mim. Quanto precisa?

—Falle; acodiu D. Leocadia: não se acanhe. Mano José deseja sinceramente mostrar-lhe a sua amizade.

Emilia me fizera justiça; depois do que havia passado entre nós, ella sentia que eu era homem a morrer na miseria antes de estender a mão ao dinheiro do pai. Seu olhar fito em mim parecia querer arrancar-me do fundo da consciencia a minha intenção occulta.

—Interesso-me, dizia eu, por uma criança desvalida que perdeu os pais... Espero obter a sua entrada no recolhimento das orphãas, e desejava, nessa mesma occasião fazer-lhe um pequeno dote...

—Muito bem, doutor! exclamou D. Leocadia. Não póde haver dinheiro mais bem empregado!

—E eu tenho o maior prazer em concorrer para tão bella acção! De quanto será o dote que nós lhe devemos fazer?

—Com licença, Sr. Duarte! Eu protesto contra esse nós: o dote ha de ser dado por mim só; quero ter o

egoismo dessa boa acção, a primeira e talvez a unica de minha vida.

— Que teimoso que elle é? observou D. Leocadia rindo-se.

— O meu egoismo porém não deve prejudicar a minha protegida, privando-a da caridade de uma familia que tantos beneficios lhe póde fazer. Por isso desejo que tambem a conheça...

Tirei da carteira a lembrança dada a Geraldo pela irmã.

Emilia, que mudara de côres desde que eu fallei na menina, fez um gesto, como si ao primeiro impulso se quizesse precipitar para me arrebatat das mãos o papel que eu lia. Mas em vez desse movimento o talhe descaiu, como um corpo á que desmaia a vida: a sua altivez succumbia vencida.

— Deste modo, Sr. Duarte, eu persisto ainda na minha primeira idéa... na minha superstição. Especulo ainda! A minha primeira cura será sempre o melhor momento da minha vida; com o preço della poderei remir da desgraça á uma pobre creatura! Ao mesmo tempo livro-o da violencia que fiz á sua generosidade, recusando outr'ora o pagamento dos meus serviços.

Destas palavras, aquellas que tinhã o uma significação pecuniaria, a minha voz as pronunciava com tal aspereza, que parecia querer dar-lhes o tinido metalico de moedas.

— Aqui tem a minha conta; conclui.

Emilia estremeceu.

—Que é isso, doutor? exclamou o negociante resentido. Cem mil réis?..

—Pelo tratamento de Emilia? acodiu D. Leocadia.

—Acha que é muito?

—Ora, o senhor está zombando comnosco! Pois nós havemos de lhe dar somente essa ridicula quantia pelo trabalho immenso que teve...

—Que trabalho! Umas vinte visitas, que para um medico principiante são generosamente pagas a cinco mil réis!

—O que é que você chama visitas doutor? Passar as noites em claro...

—Olhe lá, D. Leocadia. Eu me agasto com a senhora!

—Decididamente, Dr. Amaral, não lhe pago esta conta. Si quizer accrescentar uma cifra, bem!

—Neste caso ficaremos como d'antes.

—Mas escute, doutor...

—O melhor é não fallarmos mais disso! atalhei eu. Emilia ergueu-se arrebatadamente.

—Papai, dê-me essa conta! disse ella.

Sua mão tremia segurando o papel, que ella devorou com a vista, de pé, junto á mesa. Tu adivinhas, Paulo, o sentimento e a intenção com que escrevera eu essa conta: seu nome, sua pessoa, sua vida, posso dize-lo, sua vida de moça bella, rica e adorada, ali estava cotada no mesquinho algarismo! Eu lhe dava plena quitação do seu reconhecimento!

Ella esteve muito tempo a ler; depois as roseas

palpebras, franjadas de longos cilios, desvendarão os olhos, que ella pôz em mim, humidos da tenue maragem de uma lagrima estalada.

—Sou eu quem devo pagar-lhe! disse-me, vibrando a voz.

E ao mesmo tempo o papel vôou em pedaços sobre a mesa.

—Mila !., murmurou D. Leocadia.

Emilia atravessou o salão e desapareceu.

—Ella tem razão ! disse o pai erguendo-se. Entre nós, doutor, não ha necessidade de contas, nem de recibos. Vou dar-lhe...

—O que, Sr. Duarte ?

—O menos que é possível... as seis cifras.

—E' escusado! Já disse... fallemos de outra cousa.

Esta scena, que eu acabava de representar, me fatigára horrivelmente. Mudei de conversa. Veio o chá, e Mila não voltou á sala. Retirei-me triste. —

No dia seguinte mandei um procurador receber do Sr. Duarte com uma ordem minha os cem mil reis. Esse sujeito ia prevenido : disse ao negociante que para evitar demoras adiantara aquelle dinheiro no recolhimento, de modo que tratava-se de um reembolso. O pai de Emilia foi obrigado á ceder.

Tive nesse dia alegrias pueris. Como uma criança... E eu o era então; homem para a razão sim, mas criança ainda para a paixão que não me tinha encaecido a alma !.. Ria-me só, enchia a imaginação das idéas mais extravagantes... Não te revoltas, Paulo !

Já te confessei: essa mulher, que devia envelhecer-me o coração, começava fazendo-me menino.

Desde então percebi em mim um desejo novo, um desejo vivo e ardente de ver Emilia. Não podia voltar á casa de seu pai, que eu visitava de longe em longe, sem mostrar affan que não devia. Esperava encontra-la em Matacavallos; mas nessa quinta feira deixou de ir á partida de D. Mathilde

A menina entrara para o recolhimento: eu cumprira a promessa feita a Geraldo como si nada houvera passado: disse-me elle que a irmã não lhe fizera a menor observação; mas ella soube pela velha que eu tinha acrescentado, sempre em seu nome, o dote da sua protegida.

Fazia justamente uma semana que eu tinha ido ao Rio Comprido; muito cedo ainda, ás sete horas da manhã, recebi um bilhete de D. Leocadia.

Dizia-me ella:

« Nós o esperamos hoje para jantar. Não lhe digo o motivo deste convite de proposito, para que a curiosidade de saber, o obrigue a vir sem falta e mais cedo ».

A letra era de Emilia.

Eu tremi! E' verdade, Paulo! Não conhecia ainda o character dessa menina; mas sabia já que ousadas

tinha o seu orgulho de mulher formosa, habituada á
ver o mundo applaudir-lhe todos os caprichos.

Que nova humilhação me reservava ella !



IX

Admirei-me, chegando, da ausencia de convidados, e especialmente da familia de D. Mathilde.

— Parece que não esperão ninguém mais; respondeu-me o criado. O senhor mesmo janta na cidade.

Entretanto a casa, cujos reparos haviam completamente terminado, estava preparada como para grande recepção: notava-se em toda ella o ar de festa que expande a physionomia dos edificios, como a das pessoas, porque os edificios inspirão a alma daquelles que os habitão.

D. Leocadia veio receber-me.

— Já sei que está muito curioso de saber o motivo deste jantar?

— Creio que apesar de não ser dos mais atilados, já o adivinhei!

— Devéras! Vamos á ver!

— E' mais uma prova da sua bondade para comigo, e de seus repetidos obsequios.

— Pois não acertou! Pretendíamos logo que se

acabassem as obras da casa, reunir aqui todas as pessoas da nossa amizade; porém como José não entende destas cousas, Geraldo é uma criança... E nós queríamos saber a opinião de uma pessoa de gosto... Talvez note alguma cousa que não pareça bem!

Era um pretexto. D. Leocadia repetia a lição que recebera da sobrinha. O imperio dessa menina era tal, que não impunha unicamente obediencia ás pessoas que a cercavam; obrigava-as á se identificarem com a sua vontade, annullando-se.

Emilia appareceu. Na simplicidade extrema do seu traje ella parecia apenas vestida, tal era o realce de sua belleza nativa, e a sobriedade dos enfeites: entretanto nunca roupas de virgem forão assim avaras de encantos. A belleza não se mostrava, transparecia.

Ella vinha, como sempre, coroada pela régia altivez, que era o gesto de sua formosura; porém nesse dia perpassava-lhe na fronte de ordinario tão limpida uma tenue sombra, de uma magôa talvez.

Cortejou-me, não fria, mas séria; foi até a janella e veio depois sentar-se ao piano. Enquanto eu continuava á conversar com D. Leocadia, as suas mãos corrião lentamente pelo teclado, que exhalava uns arpejos frouxos e dolentes.

D. Leocadia sahira um instante.

O piano calou-se enfim. Eu vi Emilia de pé no meio da sala, hesitando no passo que a devia approximar de mim:

— Perdõe-me ! disse-me ella.

E a voz com que o disse tinha modulações sublimes.

— Sei agora quanto o offendi ! Não sabia então quanto lhe devo ! Minha tia contou-me . . .

— A senhora nada me deve, D. Emilia. Estou pago ! Já recebi o meu salario. Foi o preço de uma gratidão que tanto a incommodava !

— Não me diga isso ! Seja sempre generoso !

— Quem deve sou eu. Um doente rico tem á sua disposição todos os medicos e os melhores ; mas para um medico principiante e desconhecido, um doente que paga bem, é uma fortuna !

— Eu mereci estas palayras, porque fui má e injusta . . . Fui até sem delicadeza ! . . . Mas si lhe confessasse . . . teria pena de mim !

— Confes ar-me o que D. Emilia ? perguntei com movido.

A tia voltava.

— Logo !

Ella articulou essa palavra, já calma e sem o menor vexame, com a voz tão clara, que D. Leocadia devia ter ouvido.

Eu ia de mysterio em mysterio. Que significava a estranha confidencia de Emilia ? Que exprimia aquelle mixto de franqueza e reserva, de placidez e emoção ?

Depois de jantar fômos correr a chacara.

A amabilidade, ainda ceremoniosa, mas doce, com que Emilia me tratava, foi tão sensivel, que D. Leocadia a notou, apesar da sua constante bonomia.

— Ah! Já fizeram as pazes? disse-nos a senhora. Muito bem!

— Nunca estivemos mal, minha tia. Não nos conhecíamos: não é verdade? replicou Emilia voltando-se para mim.

A maliciosa e gentil menina, que dirigia o passeio, andava de proposito com extrema rapidez para fatigar a tia: afinal o conseguiu.

— Não posso mais! Estou muito cansada! murmurou D. Leocadia, deixando-se cahir n'um banco de pedra.

Estavamos junto de uma cascatinha, onde tinhamo arranjado uma gruta, um pequeno lago e outros embellzamentos.

— Venha ver a cascata! me disse Emilia.

Acompanhei-a até a margem do tanque; ficavamos á alguns passos apenas de D. Leocadia, porém o rumor das aguas que latião entre as rochas, abafava as nossas palavras. Emilia esteve a brincar, com umas flôres aquaticas que vegetavão nas fendas, saltando de pedra em pedra. Eu vi-a oscillar sobre uma ponta de rochedo coberto de musgos e batido pelas aguas.

De repente voltou-se:

— O senhor me julga muito ingrata!

— Eu, D. Emilia?

— Oh! Não negue! Eu sinto!... Pois enganou-se! O que eu sou... Talvez não lhe saiba dizer...

Ella abaixou os olhos para os borbotões de espuma que se esfrolavão a seus pés.

—Sou... um espirito que duvida, um coração que vacilla!

Eu não comprehendia: estava surpreso.

—Esta gratidão que eu lhe consagro ha um anno, continuou ella, tem sido a minha unica alegria!

—Como é possível, D. Emilia? Não acredito!...

—Pois creia! Tenho uma testemunha...

—Qual?

—Conhece?...

—A minha carta...

Ella passara rapida pelos meus olhos a carta que eu tinha escripto ao pai logo depois do seu restabelecimento:

—Está assim amarrotada... Não sabe porque? E' ella que envolve os cabellos de minha mãe!

Emudecemos ambos. O papel desapareceu outra vez; tinha-o escondido no seio. Passado um instante Emitia fallou de novo, mas absorta, como si fallara comsigo mesmo n'um recolhimento intimo:

—Não acredito no amor!... Alguma cousa me diz que não amarei nunca!... Entretanto o coração sente... tem necessidade de uma afeição creada por elle só, e que não venha do sangue. Ha uma porção d'alma que pertence a familia e vive nella, como as raizes desta planta, no seio da terra que a produz... Mas a outra porção, essa é nossa unicamente e tambem precisa de sentir e viver! Não é assim?

—Deus quiz que fosse assim, para que a humanidade existisse.

—Deus quiz.. Mas porque me pôz elle n'alma esta duvida cruel?. Tenho dezeseite annos, e já me sinto orphã das minhas esperanças!

—A senhora, D. Emilia? Que lhe falta? Espirito, formosura e riqueza, tudo que o mundo admira...

—Eu quizera não ser admirada, mas...

Ella hesitou e reprimiu a palavra que ia pronunciar.

—Não fallemos nisso. Já lhe disse que não acredito em paixões. Durante o anno que passou, desperdicei por ahi, por essas reuniões, os meus sonhos, as minhas alegrias, a minha alma? Sabe o que eu trazia? A desillusão!. Quando entrava em mim não achava senão uma lembrança doce e pura... Era a minha boa gratidão, o reconhecimento que eu lhe votava... E não sabia tudo ainda.. Não tinha ainda aqui como agora as suas lagrimas!..

—Obrigado, D. Emilia!

—Oh! Não me agradeça!... Escute-me! Essa gratidão, esse sentimento bom e puro, era uma coisa minha, occulta e desconhecida, que eu dedicava no silencio de minha alma á sua memoria!... porém não ao senhor!

—Ah!

—Do senhor, eu tinha medo, quando o via. Tinha medo que me arrancasse tambem do espirito mais essa doce illusão. Desculpe-me: eu não o conhecia então. Duvidava...

—Mas porque motivo? Percebeu alguma vez em mim a menor intenção de abusar?.

—Nunca !. Era uma cousa que não estava em mim ! Um temor vago e indefinivel... Parecia-me que o halito da sua primeira palavra vinha murchar em minha alma a unica flor de sentimento que brotara nella... E eu defendia-me, affastando-o.. Naquelle noite. não o entendi.. Disse aquellas más palavras.. Perdoe-me ! Eu tambem soffri.. Soffri mais porque ellas não erão vingança, não. Gemidos, sim, de quem tanto perdia !...

Fui eu então, eu insultado e escarnecido, que pedi a essa mulher o perdão da minha vingança.

A tarde cahia. A solidão começava a encher-se de sombras, de perfumes, de eloquentes silêncios. Emilia sorveu com delicias esse respiro dos campos na hora do crepuseulo.

—Que linda tarde !.. murmurou. Aqui... parece-me que eu poderia crer.. Mas lá !..

Seu labio desfolhou um triste sorriso.

—Vamos, Mila ! disse D. Leocadia.

—Sim, minha tia.

Ella estendeu-me entre as rendas de seu lenço a ponta dos dedos que eu apertei de leve.

—Seja meu amigo !

E desceu como um sylpho, voando sobre as pedras da cascata.



X.

Toda a noite tive deslumbramentos n'alma.

Que esphinge era essa moça de dezoito annos?

Virgem, que o severo pudor velava, e fallando de amor com a franqueza e a calma de quem já delle se saciára! Coração puro de paixões e êrmo já de esperanças!

Seria a congelação precoce do sentimento?

Não! pensava eu. Deve de ser a ingenuidade da innocencia. As rosas de sua alma não podem ter assim murchado na primavera da vida; estão apenas em botão; o que as desmaia é sombra da infancia ainda, e não o vérme do coração—a duvida.

Amava Emilia, sem o saber; comecei á adorá-la.

Que horas encantadas vivi repassando na memoria os seus desdens! Agora eu os comprehendia: elles me revelavão a tormenta de uma paixão nascente, que tólda a manhã da vida, como as tómpetades dos primeiros dias do anno. Ella tinha medo de amar-me... Talvez amava-me já, resistindo ainda!

— Meu Deus! exclamei. Que fiz eu para tanta felicidade! . . .

Uma circumstancia unicamente me parecia obscura, depois da confidencia de Emilia. Era a maneira porque me tinha recebido a primeira vez depois da minha volta. Era sobretudo aquelle olhar fulgurante de colera, de tão soberba colera! Não houvera nos seus olhos despeito só ou repulsão; houvera mais que odio, profundo rancor.

Uma vez pedi-lhe a explicação desse olhar; ella enrubeceu:

— Não me pergunte isso! . . . Não lh'o direi nunca!

Dous dias depois da nossa conversa junto á cascata, fui a Matacavallos, onde esperava encontral-a. Ia cheio dos enlevos de tão sonhadas esperanças, inundado da felicidade que borbotava em meu seio. Ia assim, transbordando diluvios de immenso amor, que ancejava por se rojar a seus pés.

E bastou a sua presença para confranger de subito as energicas expansões de minha alma.

Ella respondeu ao meu cumprimento com affabilidade; mas . . . Era a mesma affabilidade que dispensava á turba dos seus adoradores! Quanto achei doce o passado desdem, que ao menos me distinguia!

Emilia mostrava ter completamente esquecido quanto entre nós houvera tres dias antes. Uma vez no correr da noite quiz fallar-lhe. Vendo-me approximar, toda a sua pessoa envolveu-se de repente na frieza glacial, que de longe ainda, já me tinha congelado a palavra

nos lábios. Essa mulher, cheia de graça e vida, tinha o magico poder de fazer-se marmore, quando queria.

Nessa noite ella retirou-se mais tarde do que tinha costume. Ao sahir passou junto de mim sorrindo:

— Não quiz hoje conversar comigo? disse-me com um doce enfado.

Faze idéa do pasmé em que fiquei.

Emilia continuou á ser para mi e uma esphinge. Animado por aquella palavra affectuosa tornei me assiduo junto della; porém encontrava sempre o mesmo acolhimento; gelo na fronte, e sarcasmo no labio. Era quando eu menos esperava, n'algum momento em que nos achavamos sós, que ella vertia sobre mim, n'um olhar ou n'uma palavra, a ternura de sua alma. Mas depois quantos amargores, quantos azedumes, não me custavão aquellas gotas de mel?

A reunião de que me fallára D.^{ta} Leocadia realisou-se afinal. Era o anniversario do Sr. Duarte. A casa do negociante encheu-se pela primeira vez de uma multidão de convidados. A festa começou de manhã e acabou em um baile esplendido ao alvorecer do dia seguinte.

A' noite uma cascata de luz, borbotando dos salões, despenhou-se pelos jardins e alamedas da chacara. Os repuchos de marmore esguichavão rubins e diamantes liquidos. As folhas, que a brisa balouçava, erão nesse adereço do baile as esmeraldas, tremulando entre ascuas d'our

Que magnificencias de luxo, que pompas, a natureza e a arte não derramavão sobre aquella festa nocturna! Um céu abriu-se ali; e a deusa delle atravessava com gesto olympio a via lacte a dos salões resplandecentes. Seu passo tinha o sereno deslize, que foi o attributo da divindade; ella movia-se como o cysne sobre as aguas, por uma ligeira ondulação das fórmãs

A multidão afastava-se para deixal-a passar sem eclipse, na plenitude de sua belleza. Assim, por entre o esplendido turbilhão, ella assomava como um sorriso; e era realmente o sorriso mimoso daquella noite esplendida.

Eu contemplava-a de longe e arredado. Sentia-me triste. O dia inteiro, Emilia, absorvida pela festa, nem sequer notára a minha presença. Esquecia-se de si propria, das homenagens ardentes rendidas á sua belleza, para occupar-se exclusivamente dessa exhibição de luxo e riqueza; que ella preparára como uma inspiração de artista ou poeta, como um painel ou um poema.

Foi só quando o edificio illuminou-se e a orchestra derramou torrentes de harmonia, que Emilia recolheu em si. Sem duvida nesse momento ella deixou de ser artista para ser mulher. Vi-a algum tempo absorta e isolada em sua alma, no meio da turba de adoradores.

De repente sobresaltou-se; como uma estrella, que se desnubla em noite limpida, começou a scintillar.

A quadrilha a chamava. Ella atravessou a sala, semeando sorrisos e enlevos n'alma daquella multidão extatica, e desapareceu.

Fiquei onde estava, e sem animo de segui-la.

Erão onze horas já. Duas vezes tinha-me dirigido á porta para me retirar, e duas vezes achara um pretexto para demorar-me. Emilia passou pelo braço do Dr. Chaves.

— Qual é a contradança que eu lhe dei? disse-me ella com a maior naturalidade.

Essa palavra magoou-me ainda mais. Eu pensava que Emilia reparasse na minha esquivança, e illudira-me.

La desfazer o seu engano, quando ella atalhou-me:

— Ah!... Foi a sexta... E' esta!

Depois voltou-se para seu cavalheiro:

— O senhor permite?...

Deixando o braço do deputado, tomou o meu.

— Creio que a senhora enganou-se, D. Emilia.

— Parece-lhe?... acodiui sorrindo.

— De certo! Só um engano me podia dar este prazer. Eu não me animava a pedir-lhe uma contradansa.

— Pois eu creio que foi o senhor quem se enganou. Não lhe perguntei qual foi a quadrilha que me pediu, mas sim a que eu lhe dei... embora não me pedisse!

— Ah! Perdão!

— Eu devia; respondeu-me séria. Lembrec-se! Era uma reparação.

— Embora ! Como me podia eu suppor tão feliz !

— Porque ? Por dansar uma contradança comigo ? disse ella rindo. Meu Deus ! O que é essa felicidade que os outros achão em cousas tão pequenas e eu . . .

— E a senhora ? . . .

— E eu ainda não encontrei na minha vida.

— Não diga isso, D. Emilia ! A senhora não é feliz ?

Tinhamos chegado ao terraço, onde as luzes, brilhando entre as grandes estipes das palmeiras imperiaes agitadas pela brisa, fazião sobre o pavimento uma ondulação constante de claros e sombras. Algumas flores de magnolia exhalavão para nós o seu fresco perfume.

— Não, não sou feliz ; disse Emilia descahindo a fronte. Nada daquillo em que o mundo pensa que está a felicidade, nada me falta ; e eu não a tenho ; não sei achal-a, onde todos a encontrão á cada momento. As vezes, quantas ! . . . sinto um quer que seja, uma ligeira emoção, como um sorriso que vem despontando em minha alma. É talvez a felicidade, digo baixinho ; e fico muda e extatica para não perturbar dentro em mim esse debil raio que vae nascendo. Mas de repente some-se tudo, como si um abysmo se abrisse : procuro minha alma nesse vacuo immenso, e não a sinto !

Emilia fallara maviosa e triste ; nesse momento ella pôz os olhos em mim e sorriu.

— Si isto fosse uma enfermidade, o senhor curava-me ; mas não é. E quem sabe ? Talvez seja !

— Não é uma enfermidade, não ; é outra coisa.

— O que? Diga!

— Não será um sonho ainda não realizado?... Uma aspiração vaga e indefinida?

— Póde ser! Não sei! respondeu-me com enca-
tadora ingenuidade.

Meu coração abriu-se de novo á doce esperança,
que delle se partira.

Depois desse baile, a casa de Duarte recebeu todos
os domingos a sociedade que D. Mathilde reunia ha-
bitualmente nas quintas feiras. Encontrava-me pois
com Emília dois dias na semana, além das visitas que
algumas tardes fazia ao Rio Comprido.



XI.

As vicissitudes de friesa e indifferença, com que Emilia me tratava, não tinham nada que se parecesse com o jogo bem conhecido das moças loureiras, que desdenhão quem as persegue e procurão quem as foge. Não havia regra nos seus caprichos. Quando ella queria vir a mim, vinha, sem affectação, francamente, estivesse eu perto ou longe, embebido á contemplal-a ou distrahido ao braço de outra moça.

Emilia não tinha rivaes, não me disputava a ninguém: dominava-me na soberania de sua belleza, e attrahia-me ou arredava-me a seu bel prazer, com um senho apenas da sua graciosa magestade.

Eu era para essa moça como um vaso onde ella guardava as escencias de sua alma para mais tarde aspirar-lhes o perfume. Quando chegavão as horas dessa affluencia do coração, ella procurava-me para vasal-a em mim: a sua palavra ardente abundava então do labio vivido. Outros dias chegava-se muda

e absorta ; parecia haver dentro della uma grande solidão, onde seu espirito se perdia.

— Diga-me alguma coisa! murmurava ella. Falle-me... Falle do céo, das navens, do mar, do que Deus creou de melhor neste mundo !...

E eu fallava : e ella bebia as minhas palavras, que lhe matavão a sede d'alma.

Fóra desses momentos, em que sua alma sentia uma necessidade irresistivel de expansão ou de absorpção, ella parecia esquecer-me.

Foi por esse tempo, que eu tomei uma grande resolução. Affagara sempre a idéa de ter uma pequena chacara on le me refugiasse as tardes, escapando ao borborinho da cidade.

Aproveitei esse pretexto para aproximar-me de Emilia. Indo visital-a um dia, vi com escriptos uma casinha pendurada na aba da montanha, perto de sua chacara. D'ali descortinava-se o seu jardim, o terraço e as janellas dos aposentos que ella occupava na face esquerda do edificio. Com um oculo de alcance eu poderia vel-a a cada momento.

Alugada a casa, assaltou-me o receio de desagradar-lhe. Sabia eu si era amado ? E quando o fosse já, a imprudencia que ia commetter não assustaria uma affeição nascente ?

— Não importa ! pensei eu. E' um meio decisivo de saber si ella me ama.

Fui vel-a. Estava no jardim com D. Leocadia : brincava com um grande cão da terra nova, e parecia

sentir um indefinível prazer em irritar a colera do tranquillo animal. Uma vez corri, pensando que ella ia ser victima da sua imprudencia ; o cão irado rosnavava, encolhendo o dorso, e rolando a pupilla injectada.

Emilia sorriu ; á um gesto de sua mão, o animal foi deitar-se á seus pés, acariciando a fimbria do vestido. Ella atirou-lhe um olhar desdenhoso, e tocando-o com a ponta da botina obrigou-o á affastar-se. Depois voltou-se para mim com uma expressão indefinível de orgulho repassado de tedio :

— Não tenha receio . . . Tudo aqui me obedece, até este bruto ! Por mais que o irrite. Não passa disso !

Annunciei-lhe a resolução que tomára de approximar-me della : e o fiz tremulo e receioso. Respondeu-me com simplicidade :

— Melhor ! Estaremos mais perto ! Estimo bem.

— Pois eu receiava que isso lhe desagradasse !

— Porque motivo ?

— Já não tem medo ? . . . perguntei-lhe sorrindo.

— Do senhor ? . . . Não ! . . . De mim. talvez.

Emilia tinha dessas phrases incompletas, proferidas com uma singeleza volubil, das quaes era impossivel comprehender o verdadeiro sentido.

Imagina que delicia forão para mim os dous breves mezes que passei naquelle pittoresco retiro do Rio Comprido, onde eu me abrigava todas as tardes como no regaço da felicidade. Trabalhava então com en-

thusiasmo. Os jubilos que vertião de minha alma, sobrião á vida mais prodiga; eu tinha ventura em profusão, que chegaria bem para encher duas existencias. E entretanto não ousára ainda confessar á Emilia o meu amor!

Como as plantas mimosas, a minha ventura só floria na sombra. Era na intimidade e no isolamento que Emilia vertia para mim os perfumes de sua alma. Na sala, apesar de marcar-me com a distincção subtil e delicada que é um tacto do coração, comtudo eu sentia que o seu olhar soberano me confundia entre a multidão, sobre que ella reinava pela formosura. As noites em que do seu labio altivo fluião ondas de fino sarcasmo, nem a minha submissa admiração achava graça perante ella.

Chegou a vespéra de Corpo de Deus. Emilia estava sentada ao meu lado:

— Amanhã não vou a cidade; disse-me ella. Si o dia estiver bonito como o de hoje, pretendo fazer um passeio, que há muito tempo não faço. Quer acompanhar-me?

— Ia supplicar-lhe esse favor, mas não me animava.

— Iremos até o alto da montanha. Quando eu percorria só essas veredas escarpadas, os rumores da mata, as grandes sombras que oscillão pelas encostas, o êrmo da profunda solidão, me fazião scismar e sentir cousas que eu não comprehendia. Desejava ter ali, perto de mim alguém á quem fallar; um coração amigo que recolhesse o que transbordava do

meu, para m'o restituir depois. Iremos juntos amanhã. Quero ver como sentirei agora ao seu lado, o que sentia outr'ora no isolamento de minha alma.

As onze horas da manhã eu esperava por Emilia, no lugar que ella me designára na vespera. Era um bosque espesso de bambús, que ficava distante da casa, mas dentro ainda da sua chacara. Para chegar ali, atravessei o mato que se estendia desde a minha habitação pela encosta da montanha. Tomára o disfarce de caçador, afim de que o nosso encontro parecesse imprevisto.

Instantes depois de chegado, ouvi rugir o palhiço dos bambús que tapetava o chão; Emilia appareceu.

Vinha só.

Confesso-te, Paulo, que eu senti nesse momento tiritar-me o coração de frio. Apesar do que Emilia me dissera na vespera, o facto de querer ella achar-se á sós comigo n'um êrmo, me parecia tão impossivel, estava isso tão fóra dos nossos costumes brasileiros, que eu repellira semelhante idéa. Acreditava que ella se faria acompanhar de sua criada ao menos, dando-me assim unicamente a liberdade da confidencia, porque eu tanto suspirava.

Entretanto Emilia conservava a mesma serenidade, que tinha no salão: ao vê-la parecia que ella praticava o acto o mais natural. Sorria graciosa: Nem um longe rubor no setim da face; nem uma nevoa nos olhos limpidos e calmos.

E ella tinha razão, Paulo, de conservar essa placida confiança.

Havia na sua belleza um matiz de castidade, que a resguardava melhor do que um severo recato. Eu sentia muitas vezes, estando só com ella, a influencia dessa força mysteriosa, que residia em sua tez mimosa; mas só te pöderei explicar o que eu sentia por uma imagem.

Tens reparado na doce pubescencia de que a natureza vestiu certos fructos. Si a nossa mão a alisa, experimenta uma sensação avelludada; si ao contrario a erriça, o tacto é aspero.

Assim era o pudor de Emilia.

Olhos puros e castos podião espreguiçar-se docemente pela sua belleza, porque uma serena candidez a avelludava então. Ao mais leve rubor porém, a alma de quem a contemplasse magoava-se na aspereza daquella formosura, tão suave á pouco.

Não era preciso que Emilia dissesse uma palavra ou fizesse um gesto para recalcar no intimo o pensamento ousado que mal despontára. Uma dôr intima accusava-me de a ter offendido, antes que eu tivesse a consciencia disso.

Nunca se adorou de longe, na pureza do coração, com respeito profundo e um severo recato, como eu adorava Emilia nas horas que tantas vezes passamos á sós, perdidos naquella solidão, onde não encontravamos creatura humana.

Avalia do excessivo melindre de Emilia por dous factos que te vou contar.

Um dia, repetindo esse passeio da montanha, ella quiz atravessar o leito empedrado de um corrego que se precipitava pela fragoa escarpada. Seu pé resvallou; ella ia espedaçar-se. Estendi os braços para amparal-a. Repelliu-me com violencia, exclamando irada:

— Deixe-me morrer, mas não me toque!

Outra vez, uma noite de partida, eu dava-lhe o braço. N'uma volta, a minha manga inadvertidamente, mal roçou-lhe o marmoreo contorno do seio. Ouvi como um debíl queixume, que exhalarão seus labios. Voltei-me. Estava hirta e livida, presa de uma rapida vertigem. Aniquillou-me com um olhar de Diana; retirou o braço; deixou-me immovel e pasmo no meio da sala.

Uma semana não me quiz fallar. Quando afinal obtive o meu perdão, ainda me lembro do modo estranho porque me recebeu:

— E' a segunda vez que lhe tenho odio!

Soltando essa palavra, seu labio tumido parecia sugar della um goso innoto. As roseas narinas titillarão, enquanto os olhos velando-se, affogavão n'um fluido luminoso.

Nessa mesma noite, como uma compensação do que a sua severidade me fizera soffrer, concedeu-me uma graça que eu nunca ousára esperar.

Danças-se. Emilia soffria como sempre a vertigem do baile que era poderosa em sua organização.

Apesar da subtileza de beija-flôr com que ella esvoaçava, não deixando as puras azas roçarem pelo mundo torpe, eu tinha ciumes da graça que esparzia assim para todos. E soffria cruelmente, assistindo aos triumphos da sua belleza.

Ella percebeu, e veio á mim :

— Porque está triste ?

— Porque sou egoista, e não tenho o direito.

Emilia sorriu :

— A nossa amizade é uma flôr muito suave para este clima da sala. Não lhe parece?... Por força hade sentir aqui.

Fazia uma linda noite, sem luar. As copas escuras das arvores nadavão no azul diaphano, borrifado pela doce luz das estrellas.

Emilia recostou-se á janella, e enquanto eu lhe fallava, seus olhos se banhavão na suave limpidez do céo.

— Como está estrellada a noite!... Ali naquelle silencio a alma póde abrir-se; não é verdade? Não ha rumor que a assuste, nem esse vapor que abraça!... Eu gosto da noite!... E' mais doce que o dia. E' quando eu sinto, quando sei melhor sentir, é á noite; sobretudo nas noites escuras, como esta, em que só ha estrellas! O sol me alegra, como a grande claridade das salas, e me anima. Eu creio que as horas, em que sou mais bonita, é ao meio dia no campo e a meia noite no baile! Não sabe porque? Tenho bebido muita luz: a luz é um alimento para mim. Mas a hora

em que sou mais bonita, não é a hora em que me sinto melhor, acredite! Na sombra sim, conheço que meu coração é bom. Pareço-me com as flores. De dia as cores mais vivas: de noite o perfume mais suave!

Eu escutava Emilia, enlevado como sempre que, em nossas conversas intimas, ella fazia scintillar a graça do seu espirito volubil. E si vinhão de envolta alguns raios dessa fragância, que ella chamava perfumes de sua alma, eu os recolhia santamente no coração.

Enquanto ella fallava, eu reprimia a respiração para não perturbar a melodia de suas palavras. Si me perguntava alguma cousa, tinha medo de responder-lhe; parecia que minha voz ia dissipar o meu extasi.

— As melhores horas da minha vida, vivo-as de noite. E' quando Deus me visita. Elle desce nos raios das estrellas, e entra em minha alma, aberta para recebê-lo. Tenho-o sentido aqui dentro tantas vezes!... Veio-me agora um capricho!... Olhe!. Quando essas luzes se apagarem, e todos recolherem, quero gosar desta bella noite... Mas hade ser lá, á sombra daquellas jaqueiras, á beira do lago.

As jaqueiras de que fallava Emilia ficavão muito distantes da casa. Insensivelmente movi a cabeça com um gesto de duvida.

— O senhor não acredita?. Pois vá até lá.

— Consente!...

Seu olhar casto pousou em mim, como uma linda criauça conchegando-se no regaço materno.

— A uma hora. Eu o espero.

Que estranha e bizarra creatura, Paulo! Com que desdem, ella fragil menina de dezeseite annos, pura como um anjo, calcava aos pés todas as considerações sociaes, todos os prejuizos do mundo! Ella dava-me a maior prova de confiança, e o fazia singela e natural, apenas com uma dignidade meiga de rainha compassiva. Arriscava por mim a sua reputação, e nem o mais leve receio perpassava na sua fronte serena.

Emfim, Emilia dava-me esta entrevista, alta noite, n'um êrmo, como me convidára para o passeio á Santa Thereza, como me déra a primeira contradança que dançamos, como me daria uma flôr, um sorriso, um olhar.

E tinha razão.

Não estava ella em qualquer lugar mais protegida pelo seu pudor celeste, do que tantas mulheres desvalidas delle no meio de um salão?



XII.

Era uma hora da noite.

Eu esperava Emilia com os olhos fitos na janella de seu quarto, as unicas em toda a casa, que ainda apparecião frouxamente esclarecidas.

Já te disse que os aposentos de Emilia, uma alcova, um gabinete de vestir e uma sala de trabalho, occupavão a face esquerda do edificio. Desse lado o sobrado apoiava-se á uma escarpa da collina, que lhe servira como de alicerce, e que para elegancia da construcção o architecto disfarçára com um terraço.

O gabinete de Emilia abria uma porta para esse terraço. Ali no quadro illuminado pela claridade interior, vi eu de longe desenharse o seu vulto esbelto. Avançou até a borda do rochedo escarpado.

— Que vai ella fazer, meu Deus ! balbuciei tremulo e frio de susto.

Esquecendo tudo, para só lembrar-me do risco immenso que sua vida corria, fui para soltar um grito de pavor que a suspendesse; mas ella, resvallando

pelas pontas erriçadas do rochedo abrupto, já tocava a planície. Pouco depois estava junto de mim, calma, risonha, sem a menor fadiga.

— Aqui estou ! disse affoutamente, abaixando o capuz da longa mantilha.

— Para que arrisca assim a sua vida, D. Emilia ? Si eu soubesse . . . não tinha accedido !

Ella ergueu os hombros desdenhosamente :

— Ainda estou frio ! . . . Parecia-me a cada momento que o pé lhe faltava e . . .

— E eu morria ! . . . Si não fosse isso teria eu vindo ? Podíamos ficar onde estávamos, tranquillamente sentados no sofá . . . Para que serviria a vida, si ella fosse uma cadêa ? Viver é gastar, desperdiçar a sua existencia, como uma riqueza que Deus dá para ser prodigalisada. Os que só cuidão de preserval-a dos perigos, esses são os peiores avarentos !

— E quem se priva a si do mais bello sentimento, quem se esquiva de amar, não é avaro tambem da vida, avaro do seu coração e das riquezas de sua alma ? A senhora o é, D. Emilia ! Oh ! Não negue !

— Como elle se engana, meu Deus ! exclamou Emilia erguendo ao céu os bellos olhos.

— Que diz ? . . . Então posso acreditar emfim ?

E murmurei arquejante :

— E' verdade que me ama ?

Nunca até aquelle momento, durante dous mezes vividos em doce intimidade e no concheço estreito de nossas almas, nunca a palavra amor fôra proferida em

referencia á nós. Emilia dava-me, como já sabes, todas as preferencias á que podia aspirar o escolhido do seu coração, e assumira para comigo o despotismo da mulher amada com paixão. Ella imperava em mim como soberana absoluta. Seu olhar tyranisava-me, e fazia em minha alma a luz e a tréva.

A fonte de minhas alegrias, como de minhas tristezas, manava de seus labios. Si elles abrião-se, meu coração abria-se tambem, em flôr ou chaga; conforme o sorriso era orvalho ou espinho.

Ella tinha consciencia disso, mas persistia em chamar ao sentimento que nos ligava, uma boa e santa amizade. As vezes, que eu ousava começar o nome doce e o verdadeiro do meu affecto, seu olhar incisivo cortava-me a palavra nascente; a minha culpa era rigorosamente punida com alguns dias de uma indifferença completa.

Naquella noite porém, eu cuidei que era chegada a hora da minha ventura. Tudo m'o annunciava. Essa entrevista alta noite, a solidão que nos cercava, os perigos que essa moça affrontára para ir ter comigo, o sereno contentamento derramado por toda a sua pessoa, e até a ultima palavra que proferira invocando a Deus; tudo isto não me dizia bem claro e com a eloquencia sublime das paixões irresistiveis, que ella me amava?

Pois bem, Paulo; ouvindo a minha tremula interrogação, Emilia demorou o seu olhar sobre mim, e disse-me com uma placidez esmagadôra :

— Não ; não o amo !

Depois, como si quizesse abrandar a dureza dessa declaração, adoçou a voz para accrescentar :

— Não o amo . . . ainda !

— E nunca me hade amar !

— Porque ? . . . Escute ! Não se agaste comigo. Sou franca ; disse-lhe que não o amo ainda, é a verdade. Virei á amal-o algum dia ? Só Deus o sabe. Sente-se aqui perto de mim ; vou-lhe fazer uma confissão.

Ajoelhei-me junto ao banco.

— De joelhos ? Mas eu é que devia estar, pois sou eu quem se confessa ! disse ella rindo. O Sr. me suppõe um coração frio e egoista . . . avaro de amor, como dizia. E' o contrario inteiramente. Devia dizer um coração pobre, miseravel de amor, mas ambicioso, mas devorado pela sêde immensa . . . Amor ! Amor ! Não peço eu a Deus todos os dias que me encha delle esta alma ? Tivesse-o eu, que lhe déra sem hesitar toda a minha vida, sem guardar para mim nem um instante della ! Tivesse eu essa opulencia do meu coração, que então o senhor não me chamaria avara, mas prodiga e louca, porque eu sinto que o seria . . . Sim louca de minha louca paixão !

— Eu julgava que tinha medo de amar ? Creio que me disse.

— De amar não ; mas dessas illusões ephemeras, que murchão o coração. Quero o meu, bem vivo, para dal-o todo á quem fôr delle senhor. Talvez aquelle á quem o dér o dilacere. Embora ! Devem de haver

delicias ineffaveis nesse mesmo supplicio ! Depois que supremo consolo ! . . . Sentir o orgulho de só ter amado uma vez na vida ! . . . Sentir que não restão do primeiro e unico amor senão cinzas do coração extinto !

Esquecido já do desengano que recebera a pouco, eu palpitava sob a palavra apaixonada de Emilia, como si fôra o feliz que devesse merecer tão sublime paixão !

— Medo de amar ? exclamou ella. Pois saiba que mãi nem uma espiando o primeiro sorriso nos labios do seu filhinho, teve os estremecimentos de ventura com que eu espreito o primeiro palpito de meu coração. Meu Deus, que jubilo immenso não deve ser o amor, quando a esperança delle nos enche assim de contentamento ! Foi a cinco mezes . . . quando o senhor voltou . . . Cuidei que ia amar . . .

— A mim ?

— Sim, ao senhor. E desde então interrogo minha alma ; escuto-me viver interiormente . . . Lembrei-me até de escrever o que eu sentia. Seria a historia do meu coração. No dia em que elle me dissesse que eu o amava, sem que o senhor me perguntasse, sem o menor acanhamento, lhe confessaria. acredite ! . . .

— E seu coração até agora nada lhe disse ainda, D. Emilia ? . . .

— Meu coração diz-me que eu o estimo tanto como a meu pai ; que o senhor occupa uma grande parte da minha vida ; que sua lembrança gravou-se e não se apagará mais nunca em meu pensamento ; que as

horas que passo ao seu lado são as mais doces para mim ; que nem uma voz toca mais suavemente as cordas de minha alma. Eis o que me diz o meu coração ; mas elle não diz que pelo senhor eu sacrificaria tudo, as considerações do mundo, minha familia, as minhas affeições e os meus sentimentos ; elle não diz que o senhor bastaria á minha vida, e a encheria tanto, que não houvesse mais lugar nella para outro pensamento e outro desejo. Não diz isto ; logo eu não o amo ! . . .

— Mas, D. Emilia, attenda ! A senhora illude-se talvez . . .

— Sei o que pensa. Na sua opinião o amor assim é impossivel ! Pois juro-lhe ! . . . eu só amarei assim ?

Emilia ergueu-se.

— Ao menos diga-me. Posso ainda ter uma esperança ?

— Eu a tenho ! . . . respondeu-me.

Si o mundo soubesse um dia a historia que eu te conto, Paulo, elle exclamaria sem duvida : — « É impossivel ! Essa mulher não existiu ! » — E o mundo teria razão.

A Emilia, de que eu te fallo, não existiu para ninguem mais senão para mim, em quem ella viveu e morreu. A Emilia, que o mundo conheceu e já esqueceu talvez, foi a moça formosa, que atravessou os salões, como a borboleta, atirando ás turbas o pó dourado de suas azas. A flôr, de que ella buscava o mel, não viçava ali, nem talvez na terra :

Seria flôr do céo ?

XIII.

Havia no tratamento de Emilia uma variação incompreensível:

As vezes era uma ternura suave e compassiva, como si ella quizesse consolar-me por não ser amado; outras vezes parecia que a minha paixão a irritava. Tinha então o coração aspero e a palavra acre; mas era justamente nessas occasiões de tormenta, que eu via scintillar nos seus olhos um raio de amor, e sentia vibrarem as cordas frementes de sua alma.

Uma noite pedi-lhe que não dançasse mais com o Barbosinha; não que eu tivesse ciumes de semelhante fatuo; mas era elle desses homens ridiculos cujo contacto mancha uma senhora. Emilia recusou, e eu voltei despeitado. No dia seguinte encontrei-a agastada comigo:

— Não consinto mais que me ame!... disse-me ella voltando as costas.

Poucos instantes depois, passou pelo braço do Barbosinha e lançou-me este desafio:

— Tire-me do braço delle, si quizer! . . .

Emilia tinha sobretudo um zelo excessivo da sua espontaneidade. Receiava ella que a menor graça feita ás minhas supplicas, valesse como uma prova de amor? Quando lhe pedia alguma cousa, mesmo pequena e insignificante, dessas que a moça a mais austera póde conceder á um indifferente, ella recusava sempre, e com tal firmeza, que me tirava a coragem de insistir.

Si eu me agastava, escárnecia de mim; si me resignava e esquecia a sua recusa, ella vinha espontaneamente com uma singela mas altiva dignidade, conceder-me alguma prova de afeição, tal que eu nunca me animára á esperar.

Lembra-me de uma vez, que insistindo eu por um botão de rosa que ella tinha nos cabellos, Emilia conservou-o no seu penteado por muitos dias até secar; como si achasse um prazer infinito em prolongar assim tacitamente a sua recusa. Dias depois, sem que eu lhe pedisse, de improviso, deu-me o seu retrato.

— Guarde-o para lembrar-se de mim!

Depois da noite em que estivemos juntos á borda do lago, Emilia parecia evitar-me. Tinha decorrido uma semana. Erão oito horas da manhã; manhã de inverno, coberta de espessa cerração, que peneirava no ar uma garôa finíssima.

Resolvido á não ir á cidade senão mais tarde, estava eu sentado á janella, d'onde avistava a casa de Duarte. Esperando vêr Emilia passar na varanda e cortejar-me

de longe, como as vezes costumava, eu reflectia sem querer sobre esse character original de moça.

De repente sou arrancado ás minhas reflexões por uma chuva de bogarins; e ouço perto o gorgoeio de um riso melodioso, que os échos de minha alma tanto conheciam. Emilia estava defronte, além da cerca de espinheiros, que dividia o meu jardim da sua chacara. Uma capa de cachemira escura cobria-lhe quasi todo o vestido, e o capuz meio erguido moldurava graciosamente o seu rosto divino.

O exercício lhe avivára o saboroso incarnado das faves; onde tremulavam algumas gotas da chuva. Seus olhos negros saltavam de prazer, como dous colibris voando ao meu encontro. Curvava-se para colher os botões de bogarim que me atirava; e tão suaves erão as flexões desse talhe, que apesar das largas roupagens percebia-se a doce vibração do movimento revelado exteriormente por um harmonioso ondulado.

Eu devera já estar habituado aos caprichos dessa moça; mas tudo quanto ella fazia era tão desusado, que me levava de surpresa em surpresa. Assim, correndo ao seu encontro, não achei palavras, mas unicamente sorrisos para acolhel-a.

— Está admirado de me vêr aqui? disse ella. Não gosto de ser contrariada, nem mesmo pelo céo. Acordei hoje com uma alegria de passarinho! Tinha saudade das arvores!... Abri a minha janella; estava chovendo. Ora! Para que se inventarão as capas e os

guarda-chuvas. Vi-o? de lá pensativo... Em que estava pensando?

— E' preciso perguntar-me? Em que penso eu sempre e á todas as horas?

— Em mim? Pois aqui estou!

— Que imprudência!...

— Devéras!

— Oh! não me chame de ingrato para a felicidade! Mas si ella deve custar-lhe o menor dissabor!... Não quero! Podia alguém vê-la!...

— Eu não me escondo!... respondeu Emilia com altivez.

Depois velando-se de subita melancholia, accrescentou com um sorriso.

— Não tenha cuidado. Eu sou rica; não me comprometto.

— Què significão estas palavras, D. Emilia?

— Vamos nós agora discutir aqui, de um e outro lado da cerca?... atalhou ella rindo francamente. Já não me lembra o que disse! Mas, com effeito, o senhor é bem pouco amavel! Nem sequer ainda me convidou para entrar!

— Eu não me animava!

— Foi bom então que me animasse eu, do contrario ficaríamos aqui á chuva! Está bem! Faça-me o favor de abaixar a cabeça.

Tirou o seu lenço, e vendou-me com elle. Depois calcando a mão sobre o meu hombro, percebi que ella saltava a cerca. Creio que a sua botina resvalando pelos

galhos humidos do espinheiro, lhe trahiou o enlan-
ce, porque senti no meu peito a doce pressão do seu
talhe.

Repelliu-me logo. Ouvindo o ai que soltarão seus
labios, arranquei o lenço arrebatadamente, e sorpre-
hendi o seu olhar... Que olhar, meu Deus!... A
voragem de uma alma revolta pela paixão, e abrindo-
se para tragar a victima!

Mas foi tão instantaneo, que eu não posso afirmar
que vi. Já ella se tinha afastado bruscamente, dilace-
rando entre os dedos os renovos das plantas, que sua
mão tremula encontrava na passagem. O capuz lhe
descera deixando a cabeça exposta á chuva e á brisa
cortante.

Depois de algumas voltas pelo jardim voltou calma,
serena e risonha; dirigiu-se a porta, indicando-me
com um aceno gracioso que a seguisse. Na sala de
jantar onde entramos, estava uma cafeteira; ella
encheu uma chicara e bebeu dous ou tres goles frios
e sem assucar.

— Ah! Aqui é o gabinete, onde se estuda! disse
parando no lumiar. Póde-se entrar?

Eu tinha vergonha da minha modesta habitação,
que não era digna daquella honra. Confuso, acom-
panhava quasi como um automato á ella, que vagava
de um para outro lado, naturalmente, sem o menor
vexame. Meu gabinete de trabalho era nesse tempo
muito pobre; o que havia de melhor estava na cidade.
Emilia correu a estante com os olhos, lendo o titulo

das poucas obras litterarias, com esse tom affectuoso com que saudamos antigos amigos.

— O senhor nunca fez versos?

— Quem é que os não fez aos dezoito annos?

— Eu!.. Tenho dezoito annos e nunca fiz um só.

— Inspira-os, que é melhor.

— Obrigada! Já lhe inspirei alguns?

— A senhora. D. Emilia?.

— A senhora.. Porque não me chama Mila?
E' como me tratão os que me querem bem.

— E Mila chamará Augusto?

— Está entendido! Não é como lhe chamão os seus amigos.

— Os meus amigos me tratão por tu: disse eu sorrindo.

— Isso não! Quando eu disser tu, é porque não existe mais *eu* em mim. Porém responda! Já lhe inspirei algum verso?..

— Quantos, meu Deus!

— Mostre-me! Quero ver!

— Mas eu não os escrevi! Para que? Elles não dirião tudo que eu sinto.

— Pois agora hade escrevel-os para mim: sim, Augusto?

— Não, Mila. Eu já não sei, ou antes nunca sube fazer versos. Quando se começa a vida, sente-se essa veleidade; é natural. E' o tempo das flores, dos sorrisos e dos cantos. Isso passa.

— Mas porque não hade escrever ainda? Si não

quer ser poeta; seja escriptor. Não tem ambições? Não ama a gloria?

— Amo; a gloria da minha profissão, a unica a que devo e posso hoje aspirar. É uma gloria obscura e desconhecida, bem sei. Os nossos triumphos, não os obtemos na praça ou no theatro, diante da multidão que applaude; mas lá, no recondito de uma casa, no aposento silencioso, onde geme a creatura. Só Deus os contempla, só elle os recompensa. O mundo e aquelles mesmos á quem salvamos, nos pagão, mas nem nos agradecem ás vezes. Foi a natureza, dizem elles. Mas os revezês, esses pesão sobre nós. É uma gloria amarga, Emilia, a que me coube em partilha.

— Quem lhe impede de aspirar ás outras?

— A minha consciencia. Quando me dediquei á medicina não busquei só um meio de vida; votei-me á um sacerdocio. Sinto que a minha aptidão é essa; fugir á ella fôra mentir á minha missão n este mundo.

— Tem azão! A verdadeira gloria deve de ser essa; fazer o bem. Tu é que sou uma louca! Mas eu já gostava da medicina; agora vou gostar ainda mais.

E para confirmar o seu dito, Emilia começou á examinar os instrumentos e livros com uma travessura infantil, roçando por elles de leve a ponta dos dedos, como si os acariciasse. O acaso deparou-lhe um atlas de anatomia: pouzando então a ponta da unha rosada sobre o titulo, voltou-se para mim sorrindo:

— Quero ver o coração! Onde está?

era a minha felicidade e a minha vida. Pareceu-lho que recusar-me em troca a sua afeição, era o mesmo que recusar-a á um pai, á um irmão. Quiz amar-me, porque é um anjo de bondade: fez todo o possível para isso, mas debalde. . . O amor nasce de si mesmo, de repente, sem que o suspeitem. Si elle viesse quando o chamamos e desaparecesse á vontade, não era o que é, uma fatalidade. Illudiu-se, D. Emilia. O homem a quem ha de amar, a senhora não o conhece, nem o viu talvez. Quando apparecer, não lhe dará tempo de interrogar-se. Seu coração palpitará por si mesmo, e a senhora sentirá que ama, sem saber como, nem quando, começou a amar!

— Talvez isso seja verdade para outras; para mim asseguro-lhe que não. O amor, como eu sonho e espero, ha de ser a minha vida inteira; portanto parece-me que tenho o direito e até o dever de conhecê-lo, antes de entregar-me á elle sem reserva e para todo o sempre.

— E' outra illusão sua! O amor tem a crença ingenua da eternidade; quem o sente acredita sinceramente que elle não se extinguirá nunca. Eu não tive a felicidade de lhe inspirar essa fé sublime; portanto que esperança posso ter? O melhor talvez fosse retirar-me, porque á força de querer violentar o seu coração, Emilia, talvez acabe odiando-me!

— Odiando-o?.. exclamou Emilia assustada. Como lhe veio semelhante pensamento?

— Não me disse já uma vez?

— Calle-se! atalhou ella com inexplicavel pavor. Emilia ficou algum tempo muda e pallida, absorta na extranha emoção.

— Augusto!, . . disse-me ella a final, e com terna melancolia. Não tem razão. Quem me fez acreditar no amor? Quem me deu a fé e a esperança n'elle? . . Lembre-se! Antes de conhecê-lo, eu duvidava.

Essa palavra e um sorriso bastarão para serenar a minha alma.



XIV.

Havia grande reunião em Matacavallos.

Tinha visto Emilia de relance. Ella soffria já a ebriedade das luzes, da musica e dos perfumes, que a dominava sempre em pleno salão. Nesses momentos havia em toda a sua pessoa, na attitude e nos movimentos, anhelos impetuosos. Parecia provocar as emoções. Seus labios aspiravão então com avidez o ambiente do baile:

Mas o seu pudor susceptivel não a abandonava nunca. Ella atravessava a multidão agitada, como a borboleta que enreda o vôo por entre as ramagens do rosal, sem ferir nos espinhos a ponta das azas subtis. O que a protegia na confusão, não era tanto o rapido olhar, como um setimo sentido, que só ella possuia; uma especie de previsão dos objectos que se aproximavão.

Comtudo, eu soffria muito vendo Emilia assim esquecida de mim e engolphada nos prazeres que outros partilhavão. Essas horas do baile erão meu lento

supplicio. Algumas vezes, bem como n'essa noite, eu evocava debalde as recordações dos dias passados, debalde me accusava de egoista; o ciúme afinal me vencia.

Foi já quando o coração me desfallecia, que ella pela primeira vez veio onde eu estava.

Notei a sua grande pallidez. O seio arfava precipitadamente. A fadiga ou a emoção lhe havia humedecido a fronte. Seus olhos tinham um brilho vitreo que incommodava.

— O baile já a fatigou?... Muito depressa!... disse-lhe com o riso amargo.

— Quasi não dansei!... Mas não sei o que sinto!... Não me acha muito pallida?

— Ha de ser o calor!... Esta sala é muito abafada!

— O calor?... Si eu tenho frio... frio n'alma!... E' a febre que vem!... murmurou com um riso singular.

Nessa occasião o Dr. Chaves aproximou-se para offerecer-lhe o braço. Has de te lembrar d'elle, Paulo. E' um brilhante talento de orador, que se revellou de repente na camara por alguns triumphos bem notaveis. Moço ainda, elegante, com uma physionomia expressiva e o reflexo de suas glorias politicas, elle triumphava no salão, como na tribuna.

Antes de aceitar-lhe o braço, Emilia me disse á meia voz, com um tom supplicante.

— Não fique tão longe de mim!... Eu lhe peço!

Segui-a por algum tempo; mas quando a vi suspensa á palavra seductora do seu par, embalando-se

docemente á musica das phrases talvez apaixonadas que elle lhe dirigia, tive a coragem de arrancar-me á esse martyrio. Refugiei-me no jardim.

Havia ali encostados á varanda, e nos intervallos das saccadas, uns bancos de pedra cobertos por doceis de uma trepadeira qualquer. Nos dias de baile, D. Mathilde fazia illuminar essa arcaria de verdura, que dava á casa um aspecto campestre.

Fumava sentado n'um desses bancos. De repente ouço a voz de Emilia. Ella se recostara á janella proxima, e continuava com seu par uma conversa animada. A folhagem espessa me escondia aos olhos de ambos; porém eu os via perfeitamente no quadro illuminado da janella.

— Tudo isto, doutor, não é mais do que um d'esses bonitos discursos, de que o senhor tem o talento admiravel :

— Então não me acredita ? disse o Dr. Chaves.

— Não posso !... N'uma vida como a sua, tão cheia de glorias e ambições, o que resta para o amor ?... As horas perdidas do baile !... Confesse !...

— Mas a senhora não sabe então, D. Emilia, que estes curtos instantes em que a vejo, são os unicos que vivo ? O resto, o tempo que sobra á minha tão rapida felicidade, trabalho com enthusiasmo, é verdade ! Mas porque ? Porque trabalhar, para mim, é amar ainda, e elevar-me do pó, afim de poder erguer os olhos para o céo sem offendel-o ! Eu não era ambicioso, não ! Foi o amor que me deu esta sede

de poder. Os meus mais bellos triumphos, acredite-me, senhora, não os sinto quando os alcanço, mas quando venho depol-os submisso á seus pés. A minha gloria é essa unicamente, fazer de quanto o mundo respeita e acata a humildade do meu amor!..

Emilia escutava enlevada. As vezes o orgulho vibrava a sua fronte nobre com um gesto divino. Oh! que tyranica belleza é a dessa mulher, que até mesmo quando eu a desprezo, me força á admiral-a!

Quando a voz que a raptava emudeceu, ella ficou suspensa um instante. Depois fitou os olhos no Chaves.

— E si eu exigisse, o senhor teria a coragem de sacrificar tudo á um capricho meu?

— Ordene!

— Não tenho esse direito: respondeu sorrindo. Si o tivesse não seria assim egoista. Quizera ao contrario partilhar com o mundo inteiro os seus triumphos!

— Mas esse direito... lhe pertence! Tome-o. Eu lhe supplico!

— Não me sinto com forças.

— Sempre essa cruel palavra!

Como eu soffria, Paulo... Mas não! Soffri depois, ainda agora soffro! Naquelle instante, nada, nada absolutamente! O que a revelação cruel produziu então em mim, não foi nem dôr, nem indignação, mas um estupor d'alma! Eu ali fiquei, no idiotismo das minhas emoções.

O dialogo do Dr. Chaves fôra intèrrumpido pela

aproximação do Alvares, que vinha buscar Emilia para a promettida quadrilha. O deputado teve de ceder o lugar.

Depois de um curto silencio, durante o qual o joven poeta esteve sob a influencia do olhar soberano de Emilia, elle animou-se a fallar-lhe em voz submissa:

— D. Emilia . . A senhora leu os meus versos?

— Li : disse ella. São muito bonitos, mas não são verdadeiros.

— Tem razão ! Não dizem nem a sombra do que eu sinto ! Mas sou eu o culpado ? O verbo divino do meu amor, não ha na linguagem dos homens palavra que o exprima !

— Não por certo ! Não é possivel exprimir o que não se comprehende.

— Oh ! D. Emilia !

— Oh ! Os poetas ! Eu os conheço ! O que elles amão neste mundo é unicamente a sua propria imaginação, o ideal sonhado: todos tem a sua Galathea: e nós não somos para elles senão estatuas, que os seus versos devem animar, como centelhas do fogo sagrado !

— Si a senhora tivesse lido a poesia que eu hontem escrevi, não pensaria assim, D. Emilia !

— Dê-me ! Quero vel-a !

— Não a trouxe !

— Procure bem ! disse Emilia sorrindo.

O Alvares tirou com effeito do bolso um pequeno papel dobrado; mas com a faceirice dos escriptores.

recusou entregá-lo, quando Emilia estendia a mão para recebê-lo. O movimento vivo que elle fez soltou-lhe d'entre os dedos o papel que veio cahir no jardim.

Ella riu e afastou-se exclamando :

— Bem feito !

O Alvares correu á porta da varanda, mas chegou tarde. Não sei que instincto da minha então embrutecida natureza, me fez precipitar ligeiro sobre o papel, como fera sobre a presa.

Fui esconder-me no fim do jardim, e ali passei uma hora palpando aquelle papel avelludado, com o sentimento do suicida tacteanlo o punhal que o deve immolar. Nem mais me lembrava do que se passara com o Chaves. A primeira dor envelhecera já.

Quando me suppoz calmo e senhor de mim, voltei á sala.

Do primeiro olhar, vi Emilia sentada na outra extremidade, sempre bella e resplandecente; mais por certo que nunca, pois nesse instante eu a admirava com olhos de maldição. Recostado ao humbral da porta, estava um homem, que a devorava com a vista, esperando impaciente a oportunidade para fallar-lhe. Era o tenente Veiga de quem já te fallei.

— Ainda outro, meu Deus ! soluçou minha alma agonisante.

Julga do meu soffrimento, Paulo, pela vileza á que me arrastava o desespero. Acabava de roubar um papel que me não pertencia ; não era bastante ; fiz-me espião. Dei volta pela varanda de modo á aproximar-

me da porta sem que os dois me presentissem. Não cheguei já á tempo de ouvir, mas vi. . . Emilia desprendera uma violeta de seu ramo e deixara-a cahir aos pés intencionalmente: o official curvou se, apanhou rapido a flor, que beijou e prendeu com orgulho ao peito da farda ornada de condecorações.

Tudo isto fêra feito com tão delicado disfarce, que ninguem mais na sala o via, nem suspeitou.

Vaguei pelo salão conversando, com um e outro, complimentando algumas senhoras de meu conhecimento, procurando assim gastar ao attrito dos indifferentes as emoções dolorosas que me pungião.

Depois sentei-me á mesa do jogo.

Chegou finalmente a quadrilha que eu devia dançar com Emilia, a sexta, sinão me enganou. Uma das finezas que ella me fazia nesse tempo, era não lançar mais em um baile, depois de ter dançado comigo; por isso me reservava sempre a ultima das suas quadrilhas.

— Como o senhor está pallido, meu Deus! exclamou ella tomando-me o braço.

— Não; ha de ser o effeito das luzes sobre este papel escarlate: responhi sorrindo. E o seu acesso? Já passou?

— Que acesso? perguntou com surpresa.

— Não disse á pouco . . . que tinha febre n'alma?

— Ah! . . . Sim! Já passou! replicou sorrindo. O senhor é tão bom medico de minha alma, que bastou a sua lembrança para curar-me.

— Então lembrou-se de mim ?

— Que remedio, senão lembrar-me ? Procurei-o tantas vezes com os olhos, e não o vi !... Onde esteve o senhor todo este tempo ?

— Pois devéras reparou em minha ausencia, D. Emilia ? Juraria o contrario !

— Jurava falso ! Si não fosse verdade porque lh'o dizia ?

— Quem sabe ?

— Quem melhor do que o senhor !

A voz de Emilia nessa conversa era doce e meiga. Seu olhar macio acariciava-me com delicias. Em toda a sua pessoa derramava-se um celesste effluvio de ternura, que manava de sua alma, e rorejava a flôr nativa de sua ingenua altivez. Nunca eu a vira assim meyiosa, nem mesmo nas horas em qué estavamos sós.

— E não me quer dizer onde esteve ? perguntou de novo com branda queixa.

— Estive jogando.

O senhor ?... o senhor que aborrece o jogo ? Que lembrança é esta ?

— Aborresco o jogo, é verdade ! E' de todos os vicios o que mais frivola os instinctos máos. Porém as vezes é necessario. Os venenos tambem são remedios... perigosos, sim... Quando não curão, matão.

— Queria esquecer-me ! disse Emilia com terna exprobração. Ingrato !. Quando minha alma o chamava !..

Esta palayra exacerbou-me o coração :

— Para que D. Emilia? Para que me chamava a senhora? Não tenho nem posições brilhantes, nem glórias, nem talento, para depôr á seus pés. O meu amor?... Esse fôra um mesquinho triumpho para quem alcança os mais brilhantes. Um amor banal... Mas perdão! Não devo mais profanar o meu sentimento com esse nome. Chamarei amizade, como a senhora. Não me disse uma noite, por outras palavras, que a minha afeição era uma flôr muito modesta para se fazer della ramalhetes e grinaldas de baile?... Tinha razão!... No campo, por desfastio, em algum dia monotonico, pôde excitar a curiosidade. Não lhe parece?... Assim foi melhor que eu me conservasse longe; devia mesmo não voltar. Tenho receio de envergonhal-a com uma paixão ridicula!

Emilia cravára em mim o seu olhar intelligente e soberano, que me trespassou a alma todo o tempo que eu levei a proferir estas palavras. Havia nesse olhar de uma fixidade importuna arrogancia e curiosidade ao mesmo tempo. Ella parecia querer recalcar-me no coração a minha palavra sarcastica, e ao mesmo tempo arrancar d'ali o segredo da subita mudança operada em mim.

Depois de uma pausa ella começou com a palavra triste e lenta:

— Não me falle assim! Eu tenho, o senhor bem sabe, um espinho em minha alma; é o orgulho. Quando tocão nelle o fél se derrama, e eu me sinto má!... Não quero responder-lhe. Posso dizer-lhe

alguma palavra dura e magoal-o. Depois sofreremos ambos. Não é melhor a franqueza, do que estarmos aqui como duas crianças á ferir-nos com pontas de alfinetes, que podem entrar no coração? O senhor tem alguma cousa que o afflige e que eu ignoro. Falle!

Emilia deu á sua voz uma terna inflexão para pronunciar estas ultimas palavras :

— Si eu o offendi, Augusto, accuse-me ! Não será a primeira vez que lhe peça perdão !

Eu sentia, aos sons maviosos dessa voz celeste, o meu coração hirto embrandecer-se como uma cêra : mas de repente o toque do papel que eu tinha no bolso, o enregelou.

— Não posso fallar aqui ; respondi tremulo. Não estamos sós.

— Pois amanhã ; me disse Emilia. A's sete horas, junto aos bambús.

Estimei essa demora ; naquelle momento, tão proximo ainda da amarga decepção, sentia que não poderia ter a dignidade da minha dôr.



VX.

Ao nascer do sol, já eu esperava Emilia.

Que longa noite !

Soffria horripelmente, mas como um enfermo desacordado. O estupor do espirito, que me fulminou ouvindo a cruel revelação, continuava. Não podia comprehender Emilia, o anjo do celeste pudor, a altiva rainha das minhas adorações, transformada de subito n'uma desprezível namoradeira de sala.

Havia momentos, em que eu achava dentro de mim a imagem de duas Emílias, uma para o meu desprezo, outra para o meu amor. E minha alma, ora exaltava-se no seu orgulho para cuspir a bava da indignação ás faces daquella, ora ajoelhava humilde e dolente para chorar o seu infortunio aos pés desta.

Passára uma parte da noite a reler os versos do Alvares : ainda os tenho de cór apezar dos esforços que faço para esquecel-os. Elles por ahi correm n'um volume de poesias, recentemente publicado por esse moço. Tem por epigraphe — *A' ella.*

Quando o sol espancou as trévas, não sei que serenidade derramou-se no meu seio. Era talvez a saciedade do soffrimento.

Emilia veio meiga e serena, como a tinha deixado na vespera. O baile longe de fatigar, repousava sempre essa incomprehensivel creatura. Havia no sorriso dos labios, no setim das faces e na irradiação do olhar, o primor de virgindade que tem as flôres recentemente desabrochadas. Quem visse essas limpidas auroras de sua belleza, julgaria que ella acabava de nascer moça, ao despontar do sol, como as rosas e as borboletas. Tal era o frescor e o viço de sua formosura.

Quando a percebi de longe, senti que o meu coração exauria-se ; a indignação que o enchera até aquelle momento fugia d'elle. Temia, que o primeiro olhar de Emilia dissipasse a minha colera, e que a sua primeira palavra me curvasse á seus pés humilhado ainda por um amor já indigno.

— D. Emilia, disse-lhe eu, receio offendel-a... Talvez o melhor fosse calar-me.

— O que mais me póde offender de sua parte é o silencio, quando o senhor tem um resentimento de mim. Falle, não tenha receio. Bem vê que eu estou ranquilla.

— Pois então ouça-me e desculpe. Sem duvida a senhora julgará pouco nobre o meu procedimento, surprehendendo um segredo alheio ; mas lembre-se que eu a amava!.. E a amava tanto, que tive

a coragem de aviltar-me ao meu amor. Sinto este orgulho !

Pela primeira vez Emilia pareceu surpresa :

— Não comprehendo ? Que fez o senhor ?

Mostrei-lhe os versos e contei-lhe tudo quanto soubera na vespera, durante o baile; tímido e balbuciante em principio, ia-me reanimando á medida que a evocação daquellas crueis recordações magoava a minha alma ulcerada ; o desespero prorompeu á final.

Emilia me ouvira impassível.

— Bem vê que eu sei tudo, D. Emilia !

Ella não me respondeu.

— Ouviria eu mal ? Não comprehenderia as suas palavras ?

— Ora ! O senhor é tão perspicaz !

— Assim não me illudi ? Esses homens a amão, e a senhora lhes corresponde ?

— O senhor o diz !

— Meu Deus ! Mas a senhora não sabe que nome tem isso ?..

Emilia ergueu-se de um impeto. Seus olhos tinham raios lividos, e sua fronte um luzimento de marmore.

— O nome ?... exclamou ella. O nome que isso tem ? Eu lhe digo ! E' a indiferença... Não ! E' o desprezo, que me inspirão todas estas paixões ridiculas que tenho encontrado no meu caminho ! Ah ! Pensa que amo á algum delles ? Tanto como ao senhor !... O amor, eu bem o procuro, mas não

o acho. Ninguém ainda m'o soube inspirar. Meu coração está virgem! Tenho eu a culpa?. Oh! Que ente injusto e egoista que é o homem! Quando nos ama, dá-nos apenas os sobejos de suas paixões e as ruínas de sua alma; e entretanto julga-se com direito á exigir de nós um coração não só puro, mas também ignorante! Devemos amal-os sem saber ainda o que é o amor; á elles compete ensinar-nos... educar a mulher... como dizem no seu orgulho! E ai da misera escrava que mais tarde conheceu que não amava!... Seu senhor é inexoravel e não perdôa!. Basta-lhe um aceno, e a multidão apedreja l'.

Eu assistia, deslumbrado, ás erupções que produzia o orgulho offendido naquella alma intelligente. Emilia parou um instante para respirar; e a palavra sarcastica frisou outra vez o seu labio mimoso :

— Os homens... Felizmente aprendi cedo a conhece-los, e os desprezo á todos; os desprezo, sim, com a indignação do amor immenso que eu sinto em mim, e que nem um delles merece!.. Cuida o senhor que é a minha vaidade que me arrasta pelas salas, como tantas mulheres, pelo prazer de se verem admiradas e ouvirem elogios á sua belleza?... Oh! não, meu Deus!... Vós sabeis quanta humilhação tenho tragado, eu que tenho o orgulho de merecer um nobre amor, vendo-me objecto de paixões mentidas e interesseiras!...

— Refere-se a mim, D. Emilia?...

— Ao senhor?... Si eu tivesse um tal pensamento

á seu respeito, julga que esperaria tanto tempo para lh'o declarar? Os outros tem o direito de mentir-me porque me são indifferentes. O senhor, a quem eu dei a minha amizade e minha confiança, não !... Seria uma indignidade !... Os outros podem me fazer a vida amarga e triste sem que eu me queixe. Mas o senhor...

— D. Emilia !... balbuciei commovido.

— Não me queixo, não ; nem preciso que me consolem! exclamou arrebatada. Para que? O que eu soffro agora, Deus m'o levará em conta para o meu amor, quando eu amar um dia, na terra ou no céo.

Emilia afastou-se ; e eu a segui involuntariamente. Esperei debalde que voltasse o rosto ; por fim a chamei: ella parou.

— Ao menos, D. Emilia, não consinta mais que esses homens lhe fallem da sua paixão. Promette-me ?

— Não, senhor !

— Bem !

— Si me quer amar como eu sou, com os meus caprichos...

— Não posso !

— Tem razão ! E' melhor assim ! respondeu sorrindo.

— Então adeus, D. Emilia !

Ella derramou sobre mim n'um só olhar todo o seu desdem, dizendo com voz pausada :

— E me tinha amor!... Pois eu, si o amasse, me desprezasse o senhor embora, eu o acompanharia até aos pés da minha rival para supplicar-lhe as migalhas

do seu amor ! Eu sim ! Mas felizmente para nós ambos, não o amo, e creio agora que não o amarei nunca !

Desatando o passo augusto, deixou-me sepultado naquelle desengano cruel.

Não me retirei completamente da casa de Duarte ; porém as minhas visitas a pouco e pouco forão sendo mais raras. Era outra vez em casa de D. Mathilde que eu me encontrava agora mais frequentemente com Emilia.

Ella, ou de proposito ou porque não tivesse mais reservas á guardar comigo, atirou-se com soffreguidão aos cortejos de sala. Todas as noites a cercava a grande roda dos seus apaixonados, aos quaes ella de repente despedia com um gesto ou uma palavra, para attrahir novos, que erão logo substituidos.

Eu soffria, assistindo a essa profanação do meu bello ideal, um supplicio cruel. Era o meu amor que a pouco e pouco se despegava do coração, arrancando-lhe as fibras e escalpellando-o. Quando esse amor fugir de todo, o que me restará de coração ? Uma ulcéra apenas !...

Julinha me comprehendera e me consolava. A boa menina vendo-me infeliz, começou ingenuamente a amar-me, mas sem consciencia e sem egoismo, unicamente por uma força invencivel de sua extrema sensibilidade. Cheguei a illudir-me ; pensei que tambem amava essa menina, mas o que eu amei em Julia, foi só o que vinha de Emilia, o que ella conversava comigo á respeito de sua prima.

— Não se afflija ! Mila gosta do senhor, eu sei ! dizia-me Julinha.

— Ella confessou-lhe alguma vez ?

— Não ; ella nunca me fez confidencias ; mas eu a conheço muito !

-- Gosta de mim, como daquelles que a cercão neste momento. Olhe !...

— Não acredite ! Zomba de todos elles.

Emilia viu a minha assiduidade junto á prima. Mas percebeu ella o que passava em mim , apezar dos meus esforços para simular indifferença ?

Não sei.

Uma noite approximou-se para dizer-me com um sorriso ameno :

→ Os seus novos amores não tolerão nem mesmo as antigas amizades ?

Confesso-te a minha vergonha, Paulo. Nunca o imperio dessa mulher sobre mim foi tão tiranieo, como nesse tempo em que me violentava para arrancar minha alma á sua funesta influencia.

Emilia tinha seduccões tão poderosas, que era impossivel resistir. Eu chegava ; vinha com uma resolução firme de mostrar-lhe a minha completa indifferença, e fazel-a acreditar que realmente amava Julinha.

Pois quando estava mais entregue a esse jogo do coração, e á força de fallar de amor, eu me atordoava a ponto de suppor que o sentia pela filha de D. Mathilde ; pois justamente nessa occasião, Emilia, não sei como,

arrancava-me de perto da prima e arrastava-me a seus pés.

Bastava-lhe para isso um nada, um sorriso, uma doce inflexão do seu collo, um gesto gracioso da mão afilada brincando com um anel dos cabellos ou com uma fita do vestido.

Oh! Essa mão gentil, quando ella a despia da luva, tinha uma alma; movia-se em torno de sua belleza, como um anjo que descera do céu para accaricial-a. Aos toques suaves dos dedos magicos parecia que a sua lindeza debuxava-se mais brilhante.

E eu ficava sem palavra e sem movimento, todo olhar, a contemplal-a de longe.

Afinal, quando ella me via assim alheio de mim e captivo de sua graça, chamava-me com uma imperceptivel vibração da fronte.

De ordinario, vendo-me chegar obediente, se demudava por tal fórma, que estupidava-me; era então fria e glacial, como uma estatua de gelo. Já não me via, nem me ouvia: eu voltava tragando em silencio a minha vergonha.

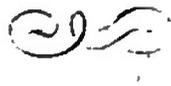
Outras vezes, não: recebia-me risonha e amavel.

— Julinha está zangada! Vá dançar com ella! dizia-me então.

Emfim Paulo, essa mulher escarnecia de mim, a fazer pena. Tratava-me como ao cão da terra nova, que havia na sua chacara, e com o qual a vira tantas vezes brincar. Enxotava-me com a ponta do pé, para

ter o prazer de me fazer voltar, lambendo o chão por onde ella passava.

E eu vivia espremendo em minha alma o fel dessas humilhações á ver se irritava ahi a dignidade abatida.



XVI

Tinha cahido n'uma tal prostração de animo, que Emilia se commiserou de mim.

Uma noite veio sentar-se ao meu lado, e seu olhar envolveu-me daquella ternura compassiva e protectora, que dava á sua virgem belleza um perfume de ideal maternidade.

— Como eu o tenho feito soffrer não é verdade? me disse ella compungida. Tambem eu soffro! Que natureza é a minha? Parece que tenho prazer em me contrariar e affligir á mim mesma. Mas não me queira mal, Augusto. Eu lhe prometto ser outra daqui em diante; o que perturbou a nossa amizade não succederá nunca mais.

— Serio!... Promette repellir os seus adoradores!

— Eu os affastarei tanto de mim, que nem a sombra delles se possa interpor entre nós.

— Obrigado, D. Emilia! Obrigado pela senhora, unicamente; não por mim.

— Então isso lhe é indifferente.

— Vem tarde ! O mal está feito.

Emilia teve um dos seus gestos de rainha.

— Ah ! si eu houvesse profanado a minha alma nesses arremedos de amor com que as moças se divertem antes de casar ; si eu estivesse no meu quarto ou quinto namoro , quando o senhor me conheceu talvez me julgasse digna de sua afeição. Mas eu, que procuro preservar a minha alma dessa profanação, mostrando-lhe ao vivo o egoísmo, a cupidez e a baixeza que escondem as paixões improvisadas n'uma noite de baile e calculadas friamente no dia seguinte. Eu, que me guardo para aquelle á quem amar, virgem de amor e immaculada.... Sim ! immaculada até dos olhares que resvallão sem penetrar-me !... Eu, não sou digna da sua estima, Augusto ! Para mim, é tarde !

— Perdão , Milla !... Eu sou um insensato ! Mas meu amor é uma tão pura adoração eu a colloquei tão alto na minha veneração, que as palavras apaixonadas desses homens me parecião denegril-a como o fumo de um torpe incenso... Loucura !... Eu devia saber que ellas não chegavão ao seu coração como não chegão á Deus as blasphemias do impio !...

Emilia respondeu-me com um sorriso delicioso . pousando a mão sobre a minha.

— Não me eleve tanto , para que outra vez não me deixe cahir de tão alto !... Esses homens erão apenas livros para mim ; as vezes tinha lido na vespera sua cópia impressa. Terá ciumes, Augusto, dos romances

que eu leio? Soffreu vendo-me no theatro assistir á representação de uma comedia?

— Já lhe suppliquei o meu perdão. Eu estava louco!

Ella foi nessa noite e nos dias seguintes de uma bondade inexaurivel para mim. Voltamos aos nossos antigos passeios e ás conversas intimas. Eu estava outra vez terno e amante a seus pés, mas orgulhoso e contente do meu triumpho.

Emilia cumprira a sua palavra de um modo que eu não ousaria esperar. Apareceu ainda algumas noites em casa de D Mathilde, como para mostrar-me o modo significativo porque despedia os seus adoradores; realmente soube arreda-los á tal distancia que nem um delles se animou a voltar. As horas que ali passou esteve completamente isolada, ou perto de mim e ao meu braço.

Porfim deixou de sahir, e fez que cessassem as reuniões em sua propria casa, até nos domingos. Desde então parecia que ella se poupava ao mundo, e guardava toda, para entregar-se sem reserva ás expansões do meu amor.

Assim voárão dois mezes de felicidade.

— Está satisfeito? perguntou-me uma vez. Não foi cégamente obedecido?

— Oh! Mila! Obedecido, não! Não me atrevia a pedir tanto?... E' uma graça que me concedeu.... e eu a recebi de joelhos!...

— Ah ! fez ella com uma expressão indefenivel de tédio.

Geraldo entrava nesse momento. Depois de apertar-me a mão :

— Diz-me uma cousa, Amaral ? Porque rasão prohibiste á Mila de sahir de casa ?

— Ora, Geraldo ! respondi eu enfadado. Nunca has de ter juizo.

— Foi ella quem me disse !...

— D. Emilia ?...

— E tu acreditaste ! disse Mila ao irmão com um riso ironico.

Isto passava-se hontem.

Hoje a tarde chegando á sua casa achei o carro á porta e ella na sala prompta para sahir ; só esperava por D. Leocadia.

— Vai sahir ? perguntei-lhe triste.

— Não vê ? respondeu correndo os olhos pelo seu traje.

— Volta cedo ?

— Não ! Vamos ao theatro.

— Ah !... Tinha-me.... promettido não, mas habituado já á ve-la longe do mundo, bonita e jisonha só para mim !...

— E' verdade ; mas os habitos sempre continuados á final trazem a monotonia.

Tive um terror panico. Ouvindo as palavras desdenhosas de Emilia e vendo-a calçar as luvas, não sei que allucinação foi a minha ; se me afigurou que essa

moça ia outra vez ser-me arrebatada pela vertigem do mundo; que eu a ia perder, e agora para sempre.

— Mila, não sei que tristeza profunda me causa esta sua ida ao theatro... E' uma exquisitez minha!... Que cousa mais simples do que ir ao theatro?... Mas... Não comprehendendo este temor Eu lhe supplico!... Antes de partir dê-me coragem! Diga-me essa palavra que eu espero ha tanto tempo!

Ella esquivou a mão, que eu procurava, vestindo-se da dignidade fria que a envolvia as vezes como tunica de gelo.

— Tem muita pressa de ouvir essa palavra!... Hade querer tambem um juramento solemne.... que firme os seus direitos.... Poderá então impor-me a sua vontade, e que remedio terei eu senão sujeitar-me!... Mas ainda é cedo. Espere, meu senhor!

Subita, e profunda revolução se operou em mim: subjugado por ella eu apenas pude pronunciar uma frase; mas que profusão de sentimentos, que riqueza de paixão, a alma não verte n'uma só palavra, mesmo vulgar!..

— Basta, senhora!

Não sei si minha voz echoou n'alma de Emilia, como resoava na minha: era o grito de uma paixão na agonia.

Emilia caminhou para mim absorta em dolorosa emoção: senti a sua mão pousar no meu hombro, os seus olhos nos meus, o seu halito nas minhas faces, a sua palavra cahindo a uma e uma no meu ce-

rebro. Mas eu estava tão profundamente mergulhado em mim mesmo que não comprehendia naquelle instante nem o que olhava, nem o que ouvia.

— Augusto ! Seu amor é um nobre e santo amor , como eu pedia á Deus que me dêsse a fortuna de inspirar !... Responder-lhe com uma dessas affeições banaes a que o coração reserva apenas as horas vagas que deixão o calculo e a vaidade, seria uma profanação indigna !... Espero e lhe peço que espere ; para não causar por um engano a sua e a minha desgraça ; para não ser obrigada á dizer-lhe um dia : — « Eu me illudi ! Esta vida que lhe dei , não a podia dar , não me pertencia, mas áquelle de quem a roubei e agora a reclama ! Trahi a um , menti ao outro ; falhei o meu destino ; só me resta morrer ! » — Eis porque eu lhe digo que espere.

Callou-se um instante.

— Talvez me illuda !.. Ha horas em que duvido ainda como outr'ora. Quero esperar um anno ainda... Acha muito? Para decidir de duas existencias?... Si daqui á um anno . eu conhecer que não amo á esta mesma hora, no lugar onde o senhor estiver, eu irei dizer-lhe : — « Deus negou-me a ventura de amar ; mas o senhor me ama ; si a minha vida é necessaria á sua felicidade, tome-a ; eu lh'a dou com prazer ; eu lhe pertenço, sem amor mas cheia dedicação !
— Ouviu , Augusto?... Quer um juramento ?

— E' inutil ! Eu ja a não amo !

Fui sincero nesse momento. Aquelle sarcasmo com que Emilia respondera á minha supplica, o egoismo frio que ella revelára, tinham traspassado minha alma, e escoado o amor até a ultima gota. Eu acabava de ver, á nú, o aleijão repulsivo daquelle coração de moça.

— acredite; repeti com desprezo. Acabou, e já nem me lembro que amei! Está agora tão longe de mim esse passado! . . .

Ella mostrou uma ligeira perturbação; mas immediatamente a sua altivez a serenou. Então, Paulo, passou-se o que só póde comprehender quem viu essa mulher sublime. Fez-se nella como um jubileu de graça e luz. Aquella radiante formosura expandiu-se vertendo de si nova e mais esplendida formosura. Imagina uma apothéose da belleza.

Emilia assim transfigurada teve um sublime gesto de duvida.

— E' impossivel! . . .

D. Leocadia entrava. Despedi-me e parti.

São duas horas da noite. Tive a coragem de não apparecer no theatro. Lembrando-me que Emilia lá estava e desenhando em meu espirito a imagem de sua fulgurante belleza, achei-me calmo; prescrutei meu coração, e encontrei-o forte.

Realmente ja não amo essa mulher, ou si a amo ainda, semelhante affeição está sepultada debaixo de outras paixões que acabarão por anniquilal-a completamente.

O que eu sinto agora é só um desejo-frio de vingar-me e pagar á Emilia desprezo por desprezo.

Eis a historia do meu primeiro e talvez unico amor, Paulo ; precisava derramar no teu seio as lagrimas que ainda neste momento affogão meu coração.



XVII.

Pensava ter concluído esta carta, mas não, Paulo !
Tornei á vê-la !

E' passado um mez.

Durante elle evitei encontrar-me com Emilia. Minha alma precisava desse momento de repouso entre o amor extinto e o odio nascente.

Foi ha tres dias que a vi pela primeira vez depois do nosso rompimento.

Jantava eu em casa de D. Mathilde. Estava encostado ao piano ouvindo Julinha tocar ; a mãe chamou-a. Nessa occasião Emilia approximou-se de mim e disse-me com o seu habitual sarcasmo:

— Ja não me ama... Porque foge de mim? Tem medo? *

Estavamos sós na sala.

Travei-lhe do braço e apertei-o com impeto brutal.

— A senhora acredita que a consciencia de uma grande infamia póde matar um homem de brio?... Pois si fosse possivel que eu viesse a amal-a ainda,

sinto que teria tão grande asco de mim e uma vergonha tal que me fulminaria como o raio !

Soltei-lhe o braço. Ella deixou-se cahir sobre uma cadeira e, sustendo com a outra mão o pulso magoado, esteve a olhar a nodoa róxa que deixára a pressão de meus dedos. Adejava em seus labios um sorriso de martyr.

Eu me affastára indignado da minha propria brutalidade. Não te posso explicar o que foi isso. O sarcasmo de Emilia irritou-me de uma maneira que ainda agora não comprehendo. Seria porque eu ainda a amo, máu grado meu, e a sua palavra me denunciára a minha propria vileza ?

No jantar incommodava-me muito aquella nodoa roxa. Emilia estava sentada quasi defronte de mim, e á cada momento o seu braço volteava em torno della, talvez que de proposito, e para mostrar a contusão.

— Milla ! disse-lhe D. Mathilde de longe. O que tens no braço esquerdo.

— E' verdade ! acodiu Julinha. Está roxo. Que foi isso ?

— E' o signal da minha cadeia ! respondeu Emilia sorrindo.

— Que cadeia, Mila ? perguntou D. Leocadia.

— Pois não tenho uma pulseira com a fórma de um grilhão ?...

— Tens, sim.

— Hoje brincando, ella cerrou-me tanto, que pensei me quebrava o pulso !...

— Não deves mais usar della.

— Porque ! Ella é innocente ; a culpa foi minha. Não foi ? disse espreguiçando sobre mim o languido olhar.

Voltei o rosto sem responder-lhe. Eu começava a sentir uma especie de pavor dessa menina. Havia nella a inspiração heroica e a tentação satânica que o genio do bem ou do mal derrama sobre a humanidade pela transfusão da mulher. Em outra scena mais larga eu a julgaria capaz de vibrar o punhal de Judith ou de Machbet.

Desde esse dia quando ella se aproxima de mim, ou mesmo de longe me envolve com o seu olhar malefico, a minha coragem vacilla. A raiva que sinto de mim mesmo reflue sobre ella. Cubro-me então com o motejo offensivo e grosseiro. Que queres, Paulo ? É a coragem do desespero.

Mas ella, a incomprehensivel creatura, longe de offender-se, parece deleitar-se com as explosões do meu desprezo e resentimento.

Ainda hontem.

Conversavamos indifferentemente, quando veio a fallar-se de uma moça, que amava seu primo á quem estava promettida, e de repente se casara com o filho de um rico capitalista. Já sabes ; a noiva era acremamente censurada ; eu tomei a sua ueffieza contra Julinha.

— Pois eu desculpo essa moça, D. Julinha : o seu amor tinha talvez a coragem da morte, mas não tinha

a coragem da pobreza. Ha naturezas assim ; os grandes sacrificios as exaltão, os pequenos as humilhão. Eu não a desculparia si ella fosse rica, e em vez de sentir o orgulho de inspirar um amor capaz de resistir a essa sedução do dinheiro, se contentasse em compra-lo... E nem só compra-lo ; mas acenar, como os avarentos, com o seu dinheiro, para ter o praser incomprehen-sivel de aviltar a turba de adoradores, entre os quaes ella afinal escolherá um marido ! Um marido regateado !...

Emilia soltou uma risada argentina ; do alto de sua belleza mais que nunca altiva e radiosa atirou-me um olhar augusto. Ergueu-se, e não sei que elação deu ella com esse movimento ao seu talhe, que parecia subida á um throno.

Conservava-me de pé no mesmo lugar, com as costas apoiadas á uma arvore do jardim. Ella atravessou o espaço que nos dividia, e veio á mim feita em risos, com o passo tão doce e lento que resvallava sobre a areia, onde a orla de seu vestido mal roçava. Vendo-a approximar-se tanto, retrahi-me contra a arvore para não toca-la.

Parou emfim : estendendo o labio altivo, disse-me com uma voz indefinivel, uma voz onde havia tudo, odio e amor, desprezo e ternura, meiguice e sarcasmo: uma voz que parecia canto, grito e soluço ao mesmo tempo :

— Que é isso, sinão amor?... Ama-me ainda e mais do que nunca !

Voltou ; e agora a fimbria de seu vestido roçagando rojava pela areia, e ella olhava-a sorrindo por cima do hombro, e de proposito inclinava-se mais para ennegrece-la no pó, como si fôra a minha alma abjecta que ella arrastasse assim pelo chão.

Firmei-me ao tronco da arvore com todas as minhas forças, porque o meu primeiro assomo fôra terrivel. Eu não sei o que seria de mim, si eu désse n'aquella circumstancia um primeiro passo para essa moça. Fiquei ali immovel, vendo-a de longe á voltear entre os arbustos.

De repente senti uma calma assustadora derramar-se em minha alma : era alguma cousa como uma algidez moral, reacção da grande colera.

Tive necessidade de insultar essa moça.



XVIII.

Volto de sua casa.

Que noite, Paulo ! Que noite de ira, foi esta para mim !

Cheguei ao Rio-Comprido, quasi ao escurecer. Estavam todos no jardim. Depois de alguns instantes, Emilia ergueu-se e affastou lentamente do grupo. A alguma distancia, parou para colher uma flôr, voltou-se, e olhou-me.

Approximei-me ; ella continuou o seu passeio solitario pela chacara. Chegando á cerca onde as murtas formavão um bosque espesso em torno de assentos de pedra, voltou-se de novo para mim e sorriu. Como eu hesitasse si devia segui-la, fez-me um acceno gracioso.

Sentamo-nos: erão seis horas da tarde ; uma sombra luminosa ainda e de uma doçura immensa derramava-se por aquelles lugares. As vozes de Julinha e das outras moças que passeavão do lado opposto, chegavão-nos atravez das folhas e da sombra com uma suavidade extrema.

Mas essa doçura da tarde, a belleza de Emilia, os perfumes das flôres, tudo que havia de suave ali, irritava-me ; eu tinha a alma ulcerada, e não havia balsamos, mas só cauterios, para cicatrizar-a.

Fallei-lhe com volubilidade, travada do fêl que borbotava do coração.

— D. Emilia, nós estamos representando o papel de duas creanças, atormentando-nos um ao outro, e talvez servindo de thema á malignidade alheia. Hontem, a senhora cuida que não ouvirão suas palavras ?

— Que as ouvissem !... Foi o senhor mesmo quem se denunciou ?...

— Já lhe disse e repito, D. Emilia, eu não amo a senhora ... Nunca a amei !..

— Mentiu-me, então ?...

— Menti, confesso !...

— Creio antes que mente agora. A mentira é irmã do insulto.

— Desculpemo-nos mutuamente, D. Emilia ; ambos erramos ; e para que estas scenas não se repitão, eu quero ser franco. A senhora me fez uma vez, ha tempo, a sua confissão : quer ouvir a minha ?

— Falle ! replicou Emilia com um tom de ameaça.

— Eu não sou inteiramente pobre, mas tambem não sou rico, e tenho acima de tudo a ambição do dinheiro.

— Ah! fez ella cerrando as palpebras e encostando a cabeça no recosto do banco para ouvir-me impassivel.

O seu olhar, coando entre os cilios e partindo-se

em mil raios, scintillava sobre o meu rosto, como o tremulo rutilo d'uma estrella.

— O que lhe vou dizer, é talvez humilhante para mim ; mas eu me sacrifico !

— Muito agradecida ! Isso me penhora ; respondeu-me, inclinando-se com um serio imperturbavel.

— A excepção do commercio, a senhora sabe, que não ha no Brasil carreira alguma pela qual se possa chegar rapidamente . . . e honestamente, á riqueza. A minha mal dá para viver com decencia. Portanto, sendo eu honesto . . . porque tenho medo da policia, e tudo quanto é processo me ataca os nervos . . . sendo eu honesto, repito, só havia um recurso á minha ambição . . . Advinha qual ?

— Suspeito ; mas diga sempre.

— O do casamento.

— E' um recurso licito e facil.

— Não tanto como lhe parece.

— Ora ! Para o senhor ? . .

— Para mim, sim senhora ; porque embora ambicioso, eu não estou disposto a sacrificar á riqueza, a minha felicidade ; seria um absurdo, pois, si eu quero ser rico é para ser feliz.

— E como pretende conciliar isto ? Deve ser curioso.

— E' agora que eu preciso de toda a sua indulgencia ; vendo-a quando voltei da Europa, senti-me attrahido para a senhora por uma inclinação que eu considerei amor ; e essa inclinação Não devo occultar cousa alguma para minha maior vergonha . . . essa inclinação

augmentou involuntariamente quando soube que os negocios do Sr. Duarte tinham prosperado por tal fórma que elle era sinão o maior, um dos maiores e mais solidos capitalistas da praça do Rio de Janeiro. . . Não sei si deva continuar! . .

— Porque não, doutor. Eu estou ouvindo-o com um prazer immenso!

— Mas eu me acanho. . .

— E' modestia propria dos homens de talento, que sabem viver. Mas nós nos conhecemos! . . .

— Bem; eu continuo. Disse-lhe que a amava já muito, mas isso não era nada em comparação do que senti depois. Um dia, alguém, creio que um corrector, assegurou-me que o Sr. Duarte era nada menos que millionario. duas vezes millionario. . .

— Ah! Eu ignorava!

— Pois saiba que é. Viuvo, só com dois filhos. . pensei eu. . . Então D. Emilia terá um milhão de dote! Um milhão! Desde esse momento o meu amor não teve mais limites; tornou-se uma paixão digna de Romeu, de Othello, dos mais celebrados heróes de dramas e romances. Como a sua formosura então revellou-se resplandecente aos meus olhos! . . . Eu comprehendí nessa occasião os poetas que eu não comprehendera nunca, e as suas comparações mineraes. . . Vi que seus dentes mimosos erão realmente perolas de Ceilão, seus labios rubis de Ophir, e seus olhos diamantes da melhor agua, rivaes da *Estrella do Sul* e da *Montanha da Luz*. Sua voz argentina, tinha aos meus ouvidos essa melodia

ineffavel, que nem Rossini nem Verdi poderão ainda imitar, a melodia do ouro... O ouro, a senhora sabe, a lyra de Orpheu deste seculo!.. Oh! Que paixão, D. Emilia! Era um dilyrio... uma loucura... Foi então que eu não pude mais resistir e confessei-lhe que a amava!

Emilia ergueu-se rapida:

— Ah! comprehendo agora!...

Como não fiquei ao ver aquella mulher, exultando de jubilo e orgulho ali, em face de mim, que pensava tel-a afinal humilhado com o meu frio sarcasmo.

— O que é que a senhora comprehende, D. Emilia?

— Que eu vivo em sua alma! E como o senhor não póde arrancar-me della, procura rebaixar-me á seus proprios olhos e humilhar-me para ter a força, que não tem, de me desprezar! O senhor ama-me, e hade amar-me enquanto eu quizer. e hade esperar aqui, a meu lado, até que chegue a hora em que me perca para sempre... Porque eu, é que posso jurar-lhe: não o amo, não o amei, não o amarei nunca..

A paixão recalçada por algum tempo, ergueu-se indomavel em minha alma, e precipitou como uma féra sedenta para essa mulher. Toda a lia, que o peccado original depositou no fundo do coração humano, revolteu-se e extravasou.

Eu avancei para Emilia; e o meu passo hirto, e o meu olhar abrazado, devião incutir-lhe terror.

— Pois bem, exclamei eu com a voz surda e tremula. A senhora quer! E' verdade! Eu a amo! Mas quella adoração de outr'ora, aquelle culto sagrado

cheio de respeito e admiração... Tudo isso morreu ! O que resta agora neste coração que a senhora esmagou por um barbaro divertimento, o que resta, é o amor brutal, faminto, repassado de odio... é o desespero de se ver escarnecido, e a raiva de quere-la e obriga-la á pertencer-me para sempre e contra á sua propria vontade!..

— Eu o despreso !.. respondeu-me Emilia.

Era quasi noite. A voz de Julinha, soou no jardim, chamando a prima. Eu ia dar um ultimo passo para Emilia; hesitei.

— Fuja, senhora!

Ella não se moveu; ficou muda enquanto os echos da voz de Julinha continuando á chamal-a resoa-vão ao longe. Quando o silencio restabeleceu-se, e parecia que a prima se tinha affastado, ella veio collocar-se em face de mim e erigindo o talhe e cruzando os braços affrontou-me com o olhar.

— O senhor é um infame ! disse com arrogancia.

Fiz um esforço supremo ; inclinei-me para beijar-lhe a fronte. O seu halito abrasado passou no meu rosto como um sopro de tormenta. Ella atirara rapidamente para traz a altiva cabeça, arqueando o talhe; e a sua mão fina e nervosa flagellou-me a face sem piedade.

Quando dei accordo de mim, Emilia estava a meus pés. Sem sentir eu lhe travara dos pulsos e a prostara de joelhos diante de mim, como si a quizera esmagar. Apesar da minha raiva e da violencia

com que a molestava, essa orgulhosa menina não exhalava um queixume ; soltei-lhe os braços magoados e ella cahiu com a fronte sobre a areia.

— Creança!... E louca!.. murmurei affastando-me.

Emilia arrastou-se de joelhos pelo chão. Apertou-me convulsa as mãos, erguendo para mim o seu divino semblante que o pranto orvalhava.

— Perdão!.. soluçou a voz maviosa. Perdão, Augusto! Eu te amo!..

Seus labios humidos das lagrimas pousarão rapidos na minha face, onde a sua mão tinha tocado. E ella ali estava diante de mim, e sorria submissa e amante.

Fechei os olhos. Corri espavorido, fugindo como um fantasma á essa visão sinistra.



XIX.

« Sim, Augusto, eu te amo! . . . Já não tenho outra consciencia de minha vida. Sei que existo, porque te amo.

« Naquelle momento, de joelhos, á teus pés, essa grande luz encheu o meu coração. Acabava de ultrajar-te cruelmente; detestava-te com todas as forças de minha alma; e de repente todo aquelle odio violento e profundo fez-se amor! Mas que amor!

« Desde então me sinto como inundada por este immenso jubilo de amar. Minha alma é grande e forte; guardei-a até agora virgem e pura; nem uma emoção fatigou-a ainda. Entretanto receio que ella não baste para tanta paixão. E' preciso que eu derrame em torno de mim a felicidade que me esmaga.

« Porque me fugiste, Augusto? . . . Segui-te repetindo mil vezes que te amava; confessei-o a cada flôr que me cercava, a cada estrella que luzia no céu. Minha alma vinha aos meus labios para voar a ti nesta abençoada palavra, --eu te amo! Tudo em mim, meus olhos cheios

de lagrimas, minhas mãos supplices, meus cabellos soltos, si tivessem uma voz fallarião para dizer-te, — ella te ama !

« Beijeí na arêa os signaes de teus passos, beijeí os meus braços que tu havias apertado, beijeí a mão que te ultrajara n'um momento de loucura, e os meus proprios labios que roçarão tua face n'um beijo de perdão.

« Que suprema delicia, meu Deus, foi para mim a dôr que me causavão os meus pulsos magoados pelas tuas mãos! Como abençoei este soffrimento ! . . . Era alguma cousa de ti, um impeto de tua alma, a tua colera e indignação, que tinham ficado em minha pessoa e entravão em mim para tomar posse do que te pertencia. Pedi a Deus que tornasse indelevel esse vestigio de tua ira, que me sanctificara como uma cousa tua!

« Vierão encontrar-me submergida assim na minha felicidade. Interrogarão-me; porém eu só ouvia os canticos de minha alma cheia das melodias do meu amor. Não lhes fallei, com receio de profanar a minha voz, que eu respeito depois que ella te confessou que eu te amo. Não deixei que me tocassem para não te offenderem no que é teu.

« Quero guardar-me toda só parati. Vem, Augusto: eu te espero. A minha vida terminou; começo agora a viver em ti.»

« Tua Emilia. »

São onze horas.

Recebo agora esta carta, aqui na cidade.

Quando fugi hontem de Emilia, tinha tão grande terror de mim mesmo, que não me animei á ficar no Rio Comprido.

Acabando de ler o que ella me escrevera, pedi á Deus que me dêsse coragem para resistir :

— Senhor ! Vós sabeis que eu não devo amar essa mulher ! Seria uma infamia ! . . .

Achei Emilia sentada n'uma cadeira, absorta em seu enlevo. Vendo-me toda essa bella creatura assumiu-se n'um só e ineffavel sorriso para cahir aos meus pés, diffundindo sua alma nestas palavras impetuças :

— Eu te amo, Augusto !

Depois continuou repetindo uma e muitas vezes a mesma phrase, como si estudasse uma modulação de voz, que podesse exprimir quanto havia de sublime quenalle grito d'alma.

— Sim ! Eu te amo ! . . . Eu te amo ! . . .

Erão as notas da celeste harmonia que seu coração vibrava, como o rouxinol canta na primavera e as harpas eolias resoão ao sopro de Deus.

Quando ella desaffogou sua alma desta exuberancia da paixão, fallei-lhe :

— Mas reflecta, Emilia. A que nos levará esse amor?

— Não sei!.. respondeu-me com indefinível candura. O que sei é que te amo!. Tu não és só o arbitro supremo de minha alma, és o motor de minha vida, meu pensamento e minha vontade. És tu que deves pensar e querer por mim... Eu?. Eu te pertença; sou uma cousa tua. Podes conservá-la ou destruí-la; podes fazer della tua mulher ou tua escrava!.. E' o teu direito e o meu destino. Só o que tu não podes em mim, é fazer que eu não te ame!.

Emfim, Paulo, ella é minha mulher!

FIM.

ERRATA.

<i>Paginas.</i>	<i>Linhas.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
69	22	empo	tempo.
79	4	um anno	tres annos
»	19	Emitia	Emilia
85	29	d'our	d'ouro
88	14	descahindo	descahindo-lhe
103	14	o verdadeiro	verdadeiro
106	11	alvez	talvez
111	1	enlance	elance
129	9	dentro de mim	dentro em mim
130	24	ranquilla	tranquilla
144	9	espere;	espere,
»	21	amo	amo,
157	4	delyrio	delirio



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).